Senhorita Maria da Gloria Alves — Parahyba do Sul

CONSELHO DE AMIZADE

Esteja bom tempo ou mau tempo, nas suas visitas á cidade, nunca deixe V. Ex. de entrar no PARC ROYAL: alli encontrará em todos os tempos, artigos de todos os generos por preços adequados a todas as bolsas.

ARTIGOS PARA SENHORAS, HOMENS E CRIANÇAS NO

Estão abertas: Exposição de Branco e Grande Exposição de Vestidos Modernos

PARC ROYAL

Por estes preços só na

CASA BOA ESPERANÇA !!!

E' por causa do barateiro MIGUEL SAUAN, proprietario da CASA BOA ESPERANÇA, que eu continuo a martellar para descobrir como é possivel vender fazendas superiores de alta novidade por preços tão baratos, impossiveis de competidores !

ADMIREM OS PREÇOS !!!

CRETONNES E MORINS

Artigo	Preço
Cretonne inglez para lençóes, metro .	1$500
Dito, idem, idem, 2 metros de largura, a 2$ e........................	1$800
Dito de linho, para lençóes, 2 metros de largura, a 4$ e	3$500
Morim «Violeta», peça de 10 metros, por 4$500 e.....................	4$000
Morim «Brazil», peça de 22 metros, por..........................	9$000
Morim «Boa Esperança», peça de 20 metros, por	9$500
Morim «Nova Era», peça de 20 metros, superior, por....................	13$000
Morim «Presidentes», peça de 10 metros, por......................	6$500
Morim «Presidentes», peça de 20 metros, por.......................	12$500
Morim «Ave-Maria», que vale 16$000, por	13$500
Morim «Soberano», que vale 15$, por.	13$000
Morim «Mathilde», com 80 centimetros de largura, por.................	12$000
Morim «Madapolan», peça de 22 metros, por........................	16$000
Morim «Madapolan Marianna», que vale 22$, por.....................	18$000
Morim «Madapolan Edmond & Eduardo», que vale 30$, por.........	22$000
Morim «Pequeno Brigadeiro», lavado, sem preparo, peça de 20 metros por.	14$500
Flanella de lã, com 80 centimetros de larg., metro 5$500 e............	5$000
Casemira ingleza, muito larga, diversos typos e padrões, grande variedade, metro desde 5$ até......	10$000
Filó para cortinado, metro 3$500 e...	5$200
Atoalhado, 1m,40 de largura, cores e branco, a 1$500, 1$800 e........	2$200
Dito superior, branco e de cores, 2$800, 3$500 e........................	4$500
Guardanapos, 60/60, duzia 6$500 e....	6$000

Impossivel é descriminar de momento todos os artigos de nosso colossal e variado «stock» os quaes vendemos todos a preços convidativos e ao alcance de todas as bolsas, como sejam: roupas brancas, para homens e senhoras, enorme quantidade e variedade de meias para todos os preços e gostos, perfumarias dos melhores fabricantes, artigos de «toilette», etc.

PERFUMARIAS LEGITIMAS ESTRANGEIRAS

Artigo	Preço
Talco americano, pó de arroz.......	2$000
Talco americano, pó de arroz.......	1$500
Pó de arroz «Azuréa», caixa.........	3$500
Dito «Odalis», caixa................	1$000
Dito «Fleuramye», caixa............	3$500
Dito «Pompéa», caixa..............	3$500
Dito «Tréfle», caixa	3$500
Dito «Bouquet d'Amour», caixa......	3$500
Dito «Peau d'Espagne», caixa.......	3$000
Dito «Java», caixa..................	2$000
Duzia de sabonetes domesticos......	1$000

Sortimento completo de todas as perfumarias finas dos mais afamados fabricantes extrangeiros

CASA BOA ESPERANÇA

336, Rua Visconde Sapucahy, 340

O noivado de Helena

ORIGINAL DE ANTONIO TORRES

Ao sair do baile do Club dos Diarios, Helena tomou o rico landolê em companhia dos paes. O auto rodou, ao fonfonar da sereia. Alguns instantes depois voava na praia deserta e illuminada. Ella trazia ainda nos olhos fatigados os lampejos da illuminação brutal da sala, e nos ouvidos a vibração sonora da ultima valsa viennense e langorosa que dansara com Fernando, o seu sonho de ha cinco annos.

Quando o conhecera, Helena contava apenas quinze. Ainda estava no collegio de Sion. Via-o de raro em raro, quando succedia encontrarem-se em casa dos paes della.

Elle tinha vinte annos já nesse tempo. Era rico, espadaúdo, musculoso, campeão de futebol, valente remador. Muitas vezes ella o vira em dia de regatas, remando como um gondoleiro veneziano, magnifico no traje summario de remador, peito á mostra e biceps em movimento. Nem ella propria era capaz de dizer o que sentia ao vel-o arfar á borda do seu *yole*, anciando por vencer, animando os companheiros a sustentar o rythmo da voluptuosa marcha fluctuante, com a pelle aljofrada de gottas d'agua que scintillavam ao sol. E quando o seu *yole* parava junto ao pavilhão, ella batia palmas e atirava-lhe uma flôr, já que lhe não podia atirar o coração. E lá de baixo, gingando ao compasso do *yole* que brincava sobre as ondas, elle lhe sorria, mostrando-lhe os dentes alvissimos, admiravel como um deus marinho fugido das profundidades do Oceano para encantamento das filhas da terra...

Depois elle fôra para a França aperfeiçoar estudos... Ella ficara no Rio. Saiu do collegio. Aprendeu a cantar e a tocar violino. Ia a festas, ia a theatros, ia a bailes. Mas o pensamento voava-lhe por longe. E ninguem conhecia aquelle segredo. Só elles dois o conheciam. Por isso ninguem podia comprehender a razão do cuidado que ella tinha de comprar, no principio do mez, todas as revistas francezas illustradas. Eram pequenos bocados de Paris que ella levava para a casa. Queria ver, ao menos em photographia, os logares por onde passeava Fernando. E elle não lhe escrevia, o ingrato, nem uma linha. Quando ella queria ter noticias delle, conversava com suas irmans, na casa dellas, em S. Clemente, muito tempo, procurando voltas, rodeios e circumloquios, como quem não queria nada, mas levando habilmente a palestra para o fim collimado : Fernando.

— Que vista é esta, Zaira?

— Ah! isto? E' Ostende. Foi Fernando que nos mandou. Lindo, não é?

— Delicioso. Como vae elle?

Zaira, louca pelo irmão, dava-lhe noticias minuciosas. Mostrava-lhe postaes, cartas e retractos delle. Fartava-se de confidencias. E Helena ouvia tudo, encantada com aquella Zaira tão loira, tão bonita e tão terna para com o seu Fernando. Porque ella já o considerava seu, muito seu, sómente seu. Que importava que elle não escrevesse? Havia de voltar, havia de voltar...

Voltara com effeito, mais bello de rosto, um nadinha *snob* e com ligeiro sotaque francez. E naquella noite do baile, quando se encontraram, depois de uma ausencia de cinco annos, Fernando ficou deslumbrado com os vinte annos de Helena. Depuraram-se-lhe as curvas hellenicas do perfil aristocratico. Os cabellos, abundantes e insubmissos, que cinco annos atraz eram loiros, pendiam agora para o castanho claro, e ella os trazia presos a fôrça num penteado mixto, indefinivel, que vagamente recordava uma grega e logo trazia á mente uma flamenga de Rubens, combinação inimitavel de aspiração fidalgas e fugitivas tendencias aldeians. Maravilhosa cabeça que a gente quizera ver de longe, atravez de uma nevoa dourada de outomno scandinavio, sempre visinha e sempre intangivel. E o vestido branco que ella trazia accentuava-lhe mais ainda os traços de mulher mysteriosa cuja carne, inspirando e desencadeando paixões violentas em derredor, permanece fria e inacessivel no seu perpetuo desejo de immanente castidade...

O deslumbramento de Fernando augmentou quando, reapresentados, elle poude ouvir-lhe a voz, não já de menina e môça como ha cinco annos, mas voz de mulher em que cantavam promessas ivarias e encantamentos profundos... A noite inteira um pertenceu nteiramente á outra. A turba dos bailarinos, a profusão das luzes, a sonoridade da musica, a ruido festivo da sala, tudo lhes chegava aos ouvidos como um rumor de tempestade que rugisse perto mas sem envolvel-os no seu torvelinho. E as palavras apaixonadas que lhe dizia Fernando Helena lh'as retribuia com sorrisos enleiados, de uma pureza absoluta, doces como caricias feitas por um lyrio, si o lyrios soubessem acariciar...

Mas o landolê chegava á casa de Hellena, na avenida Atlantica, na avenida muda e timida como uma escrava deante de seu senhor — o mar soturno que rugia surdamente na escuridão da noite.

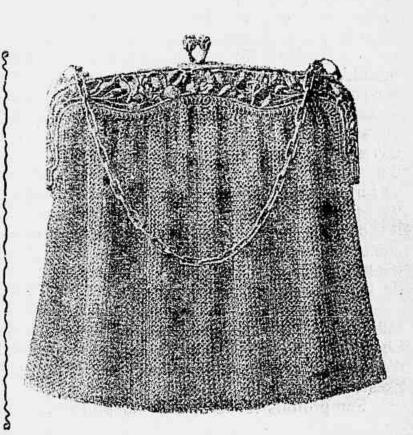
Saltaram do carro e entraram. Os paes de Helena a beijaram e ella entrou para a sua camara de donzella, solitaria como uma cella, torre de marfim guardada pelo mar soturno que rugia surdamente na escuridão da noite.

Despiu-se, rezou e deitou-se, deliciada pelo aconchego do leito macio, emquanto lá fóra o vento uivava como milhões de lobos atormentados pela invernia.

Pensava em Fernando. Ouvia ainda os derradeiros accordes da valsa que dansara com elle ; sentia-lhe ainda a pressão dos dedos na cintura; continuava a ver o seu sorriso e sorria tambem, como si elle estivesse ali perto. Emballavam-na os soluços do mar. Ella entrava nesse estado em que as coisas perdem todas as fórmas definitivas. Pouco a pouco a musica da valsa ia-se distanciando e confundindo-se com a musica barbara das ondas. O sorriso de Fernando esbatia-se numa sombra vaga. O leito começava a oscillar. A cabeça ia-lhe e vinha no balanço voluptuoso. O rugir das ondas tornava-se cada vez mais forte. Todo o quarto dansava nos ares, destacando-se do resto do palacete. Ella se sentia leve como uma sylphide. Perdera inteiramente o pezo e a densidade. Era vaporosa e transparente. Levitava como si fosse puro espirito. O leito a acompanhava nas suaves evoluções. O aposento, inteiramente destacado da casa, ia com ella no vôo angelico. Uma doçura infinita penetrava-lhe os nervos, o sangue, todo o ser...

Ao mesmo tempo a fórma do aposento se alongava, adelgaçava-se, como si de um lado e de outro houvesse mãos que lhe distendessem a elasticidade. O cortinado do leito, afastando-se espontaneamente, desaggregando-se, tomava a fórma de velas que se enfunassem ao impeto dos favonios. Os mastros, as vergas, os papafigos, as carlingas e as enxarcias surgiam por si. Agora o mar roncava perto. Ella procurava aconchegar mais a si os lenções, não lhe fosse fazer mal a brisa marinha, frigida e penetrante. E o bergatim, já sobre as aguas, velejava sozinho. Muito altas, as estrellas piscavam no firmamento, como moças a sorrir maliciosas. Impellidas pelo vento as velas palpitavam como azas. Já não rugia o mar. O murmurio das ondas se transformava em gemidos querulos, como queixas de crianças, entes que sabem chorar mas ainda não sabem odiar. E o bergantim seguia noite em fóra, tão veloz e tão seguro que ella não se lembrava da possibilidade de uma procella...

(*Continúa*)

O JOVEN ENCANTADOR

Historia tirada de um palimpsesto de Pompeia

(Charles Baudelaire), tradução de Ribar

Nunca mais vi Roma. Mais uma palavra e será bastante. Eu vi — aqui Sempronios fez uma pausa — eu vi o sèr feito para encher o vacuo de minha alma e o povoar para sempre. Foi num banquete offerecido aos officiaes da legião pelo proconsul Septimius, em nossa chegada a Epheso. O banquete foi, como presumes, nobre e sumptuoso. Mas todo o seu esplendor foi eclipsado por um espectaculo realisado nos jardins do palacio, representado pela serventuaria do templo. Era um drama ao gosto dos que apraziam a imaginação de Ovidio, breve, porém deliciosamente acabado; era uma fabula sobre o poder do amor. O pequeno Deus figurava sob cem fórmas diversas; ora em guerreiro, ora em poeta ou em musico, outras vezes em rei e ainda noutras apparecia como mercador, carregado duma pacotilha de joias e cousas preciosas, tudo para conquistar o coração de uma bella mulher. Mas que conquista, e com quem o « joven encantador » procurou ensaiar todos os seus poderes! Eu nunca vi nada de mais bello nem de mais seductor! Tudo o que a poesia inventou de mais attrahente, tudo o que minha ávida phantasia revestiu de graça, de attractivos, de bellesa e de nobres incentivos amorosos, foi lançado ás trevas do esquecimento. Diante de mim movia-se, vivia, mirava-se e sorria-se a bellesa na sua maravilhosa essencia, tal como Venus se elevando do seio das salsas ondas ou Pandora descendo dos porticos do Olympo! Eu vi então que meu destino estava lançado e lavrada a minha sentença para sempre! Por um instante a convicção penetrou no profundo de minha alma. Eu senti que era clara, brilhante, temperada e luminosa como as settas da verdade. Não posso dizer-te nem explicar-te com que anciedade nova eu estudava a marcha do drama e quanto de mim entrava violentamente nos enredos dessa pequena scena! Eu senti-me tremer todo quando a vi successivamente tentada pelos affagos embriagantes da poesia, pela promessa de tudo que póde lisonjear o coração do orgulho, pelas joias e pelo ouro que o joven e poderoso magico de nossas paixões ostentava a seus olhos, amontoando visões deslumbrantes sobre visões e fazendo succeder-se das tentações mais perigosas, diante da mais perigosa das filhas da terra! Ella resistiu a todas, e eu sentia meu coração bater de um modo furioso e insólito a cada um novo triumpho. Um unico estratagema faltava ao enredo.

Os nobres palacios, os bosques dourados, os sitios reaes onde o « encantador » evocara as suas visões de luxuria, orgulho e riqueza, desappareceram como sonhos. A scena agora representava um simples jardim, com uma soberba vista sobre uma bella montanha á margem do Hellesponto. A bella estava assentada sobre um montão de rosas desfolhadas de fresco e ouvia um colloquio que lhe fazia um mancebo, vestido á maneira dos pastores da Ionia. Sua figura e sua posição eram nobres, mas suas palavras eram a simplicidade, a paixão, a eloquencia em toda a sua plenitude. Eu nunca vi nada de mais perfeitamente expresso. Elle não lhe offereceu nem as pompas nem as riquezas do mundo, mas collocou a seus pés um coração transbordando de amor, de fé e de virtude. Se ella resistisse a essa suppliea, teria sido nada mais nada menos que uma mortal, porém não o foi. Apresentou-se a mesma, verdadeira como a natureza e sensivel ás suas mais doces impulsões. Eu triumphava com sua resistencia, e triumphava agora com sua submissão. Vi com delicia que essa bellesa, digna de um sêr divino, não era uma bellesa de estatua. Minha face enrubeceu-se quando o rubor se espargiu pela sua. Uma lagrima que rolou de suas palpebras foi seguida por minhas lagrimas e pareceu-me que mianh'alma fugia com ellas. Com um doce arquejo e um celestial sorriso, ella reconheceu o poder do coração sob o coração e deixou-se cahir, aos silenciosos prantos de sua alegria, no seio do Ionio. Nesse momento, o trovão rolou com fracasso, a decoração desappareceu como uma nuvem que se evola e, em logar do simples jardim do Hellesponto, nós vimos os immortaes bosquetes da Idalia. O Ionio era o proprio amor, tornado á sua fórma primitiva, amavel, poderoso, folgazão e somelhante a um rei. O joven Deus, levado sobre suas azas de purpura, atirou-se aos braços da bella creatura e a coroou de amarantho em presença das nymphas, como lembrança de sua metamorphose em immortal habitante das mattas da Ilha do Amor!

— E assim, disse Callias, com um olhar frio, preservado de toda a emoção, estás enamorado duma das dançarinas do templo. Os gêlos do coração fundem-se facilmente sob este bom clima da d'Asia; eu creio que ella ouviu complacentemente a repetição que fizeste do papel do Ionio.

Sempronius levou a mão ao punhal.

— Perverso grego, exclamou elle, não me ponhas á prova uma segunda vez! Ainda uma palavra de despreso e nos separaremos para sempre! As estrellas que brilham sobre nossas cabeças não estão mais longe de nós que meu idolo do halito impuro da desconfiança! Eu nunca mais tornei a vel-a. Minhas investigações foram infructiferas. Os que têm podido supportar tuas impias chacotas são duma covarde raça diversa da minha.. Tua inclinação incorrigivel a tudo ridicularisar tem feito esquecer-te que as sacerdotizas são tão sagradas como as vestaes do Capitolio. Era uma das deusas.

Callias pediu desculpa e conseguiu acalmar a irritação de seu amigo.

— Porém, disse elle, nunca procuraste encontrar esse perfeito modelo de mulher nem te offereceste para o desposar?

— Encontral-a ainda! disse o Romano. Este é o segundo anno que corro á Asia, Grecia, e a Italia, sempre impellido por uma invencivel esperança. Ella abandonou o templo, ai de mim! e pude crer que ella tivesse remontado aos céos! Se ainda a podesse encontrar na terra! Que poderei fazer? Meu pai, em seu leito de morte, deixou-me em escolha os anathemas ou a sua bemdicção, se cumprisse os seus ultimos desejos e desposasse minha prima Euphrosina. Eu pude desdenhar a riqueza, desprezar a tyrannia, mas não pude calcar aos pés as derradeiras e sagradas vontades de um pai. Eu ouço sem cessar retumbar em meu espirito espantado sua voz que, do fundo do tumulo, me intima que a obedeça. Não concilio o somno senão tremendo, um somno breve e muitas vezes pesado. A's vezes vejo sua sombra que me ameaça cruelmente se ouso resistir á sua vontade, hoje mais sagrada ainda pela separação do tumulo.

— Neste caso, a expulsas de tua memoria? replicou o amavel philosopho.

O Romano ergueu e lançou lentamente sobre seu amigo os seus grandes e negros olhos carregados de desprezo.

— Expulsal-a de minha memoria! exclamou; não tenho mais o poder de esquecel-a, senão perdendo a consciencia de minha vida. Cada objecto que vejo traz-me a sua recordação. Musica, luz, estrellas, os sons espalhados pelo ambiente da tarde, o balouço suave duma rosa, o perfume de seu calice, as formas vagas das nuvens que fluctuam no horizonte tudo o que toca o meu coração, acaricia meus sentidos, alegra a minha vista, me conduz instinctivamente para ella! Não, sua imagem será indistructivel, até ao instante em que o proprio sentimento seja anniquilado. Tu viste a minha emoção á tarde em que eu ceiei na tua cidade de Campania. Essa pintura do Olympo! Eu achei naquella Venus supplicante aos pés de Jupiter o idolo verdadeiro de todos os meus pensamentos! A attitude, a fórma, a graça indescriptivel, tudo era o que tinha visto na fatal noite do banquete de Epheso! Não ousei encaral-a por mais tempo. Eu teria adorado a viva creação do pincel, ou, como um novo Prometheu, teria, de meus labios abrazadores, soprado uma nova chamma sobre essa fórma! Se eu tivesse sido o possuidor dos thesouros da terra, tel-os-la dado para obter essa pintura e morrer fixando-a. Porém, quando abysmado nesse pensamento, senti que o severo espirito de meu pai se erguia do fundo das trevas e se entregava ao terror e ao desespero!

(*Continua*)

Jornal das Moças

Bilhetes Postaes

Ao multissimo amado

Meu coração é um livrinho
Que tem por nome—Amizade,
Nelle em horas de saudade
Minh'alma ia escrever,
Se o percorreres, bemzinho,
Nas folhas assetinadas
Escripto em letras douradas
Só o teu nome has de ler.

Lilinha.

Rio—22—916.

Ao A. Campos

Meu coração navegava como um barco sem leme, no tenebroso oceano da duvida. Relampagos de ciume illuminava o caminho da treva, na taboa de salvação chegou a ilha da saudade, na barca da affeição conseguiu chegar a terra da esperança: ahi prol curando o amôr promettido por ti, só encontrou montanhas e obstaculos que não pode vencer e exhausto de tanto caminhar e lutar, cahiu extenuado na planicie da Realidade!...

A' minha adorada Yolanda

A saudade é a flôr que mais fére o coração que ama em segredo.

E. do Rio.

Setosomy.

Ao sympathico Nestor C.

Não se póde ter dois amores: aquelle pelo qual o nosso coração se inclina mais candidamente com mais firmeza, esse é que Deus nos mostra por que corresponde reciprocamente á esta liberdade d'amizade, pois todas as potencias moraes, intellectuaes, physicas se coordenam de parte a parte.

Mysteriosa.

Fortaleza.

A' pequerrucha e pequenina Silva

Anoitecia...Phebo escondia-se lentamente deixando a terra em profunda tristeza. O sino da Capella batia merencoreamente annunciando á Ave-Maria! Triste, bem triste, recordei o passado. E com a alma a pungir de dor, e coração muitissimo saudoso, das inolvidaveis amiguinhas, derramei sentidas lagrimas de inconsolavel dor.

Lilinha.

Rio.

Resposta á senhorita Magnolia

O homem só emprega a «vil ingratidão» como sancção natural que é da hypocrisia reinante nos corações das mulheres levianas e ambiciosas.

M. Cardoso G.

Ao Orlando C.

Nem mesmo um Deus experimentará mais delicioso jubilo do que um simples mortal que contra o peito sente pulsar um coração que lhe é caro.

Elzinha

A' alguem

Si não quizermos considerar a maioria dos homens como um ente cruel e despresivel, forçosamente a temos de consideral-a inconsciente.

Westhry

Santos—19—1—916.

Ao Paulinho

Vejo a tua amizade vôar como um passaro em liberdade, depois de um longo captiveiro.

L. R.

Ao P. L.

Assim como Phebo com os seus ardentes raios mata a modesta violeta, tambem a tua indifferença mata-me ou atira-me a lagoa do soffrimento.

L. R.

Ao Paulinho

Creio que por ti sou olvidada; mas que fazer? a esperança é a minha confidente; ella é a minha unica consoladora.

L. R.

Pergunta

As gentis amiguinhas pensadoras:

Quando um amor diz ser verdadeiro póde ser transformado em odio?

Pio

Ao meu querido J.

Como tudo se transforma.

Achava-me em uma vasta floresta, contemplava como era bella a natureza quando adormeci.

Então sonhei que d'entre muitas arvores destacava-se um bello e florido jasmineiro do que pendia um ramalhete tão bello quanto aromatico e assim fiquei a contemplal-o quando, em dado momento, tudo se transforma e torna-se sombrio. As borboletas deixavam de beijar as flores, os passaros paravam seus cantos, e as flores murchavam.

Mas ouvia-se de quando em quando, um canto que parecia vir de muito longe. Absôrta com esta transformação, e olhando novamente para o jasmineiro, notei uma borboleta que, beijando as flores, balouçava suas azas multicores. Neste momento despertei, com os cantos maviosos de uma nuven de passaros que entoavam o hymno da juventude.

Depois, seguia-a um casal de pombinhos brancos ligados por uma fitinha doirada, annunciando o anniversario de um anjo a quem tanto adoro.

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1916.

Carmen Vidal.

Ao distincto academico Fernando de A. Brandão

Amor dissimulado! Amor silencioso e puro, que, atravéz de todos os soffrimentos, é sempre bello, santo e sublime, para quem o sente.

Bola cor de rosa.

17—2—916.

A' A. P. Motta (Campos)

Vivo no mundo igual a uma condemnada! Não sei deliciar minha preciosa existencia!... O véo negro da ingratidão cobria-a para não mais abandonar; a não ser pela ferida mortal de um dia levar-me ao seio de fria terra.

O coração do homem é alimentado pela hypocrisia.

O coração do homem é um occeano pelo qual só navega o batel da crueldade.

Dahir D. Santos.

Campos—24—2—916.

Ati, que me entendes

Cinco annos!!!

Durante este longo periodo, soffri as agruras tetricas de uma incerteza cruel! Sem força, um alento, para enfrentar os tropeços naturaes da vida, pensava na morte, como o unico lenitivo para minhas dores. Tal era o desespero em que vivia.

Hoje não!! Sinto-me grande, forte, e poderoso, por ver desfeitas as negras nuvens, que toldavam o meu futuro!...

Sinto florir em meu peito as mais doces, e risonhas esperanças.

Parece-me, agora, que amo, e sou amado!!! Será?!...

Persistente.

A quem me entende

Paracamby

Quando na monotonia das alterosas palmeiras, sinto passar ao pé dos meus ouvidos o triste e plangente som da tua voz meiga e encantadora, acho que a minha alma de paixão vae morrer! Não vês que te amo tanto como o poeta ama a musa, que silenciosamente passa dictando á sua alma apaixonada, o enigma da poesia? Amar não passa de um acerbo soffrimento. Já que, nasci para soffrer, irei carpindo amargamente o triste fado que trago ultrajado na minha pobre e desfallecida alma—Amôr!...

Palmeiras—E. Rio.

Laudelino Lucas.

Um ingrato

Parte...Deixa-me em paz e não mais me tortures com os sonhos de felicidade que eu, como presa em teus falsos carinhos pensava ter. Não podia imaginar de certo que as tuas palavras não passassem de palavras vis de um falso seductor! Loucamente pensei que tu me amavas e enganei-me com os teus affectos e sorrisos. Amei-te então apaixonadamente, com todas as forças com que ama um coração sensivel. Illudiste-me, porque reconheceste que te amava com delirio, foste cruel demais, escarneceste de mim, bem vejo, que fazer porém? Lastimar o meu tristonho passado e... chorar por tanto o mal que me fizeste.

Minas.

Odette.

A' uma amiguinha antiga

1—916.

Ah! tempos! como me recordo! unidas andavamos sempre? Tu, me dedicavas uma amizade pura, eu, para que não confessar? longe de corresponder-te com o mesmo e sincero affecto, tratar-te com indifferentismo. Quando, porém, num dia de festa tu me fitaste com esses olinhos brilhantes, e os teus labios se moveram para chamar-me «Ingrata», senti o meu coração pulsar. E de então em diante ficaste sendo o objecto que mais me preoccupa o pensamento.

A tua Noemia R. Silva.

Ao P. L.

Quando a noitinha debruçada e triste á janella, comtemplo a abobada celeste, lembro-me das palavras que me dizias: «amo-te sinceramente».

Oh! como me sentia feliz!

....

E hoje o que vejo!.... o phantasma do desengano!...

L. R.

A' quem me fôr sincero

A confissão d'uma affeição pura e ardente queima-me os labios, mas como fazel-as se não confio nos homens?

Belizia J. S.

São Christovão.

O amor é o fogo que accende em nosso olhar a chamma que deve devorar o nosso coração.

—

A alegria é o sol da vida que illumina os nossos semblantes e aquece os nossos corações.

Olga Laurindo.

A' Alzira Leal

Consideras o meu coração, querida amiga, com um jardim ornamentado de flores encantadoras?

Se assim é, declaro-te que as flores que n'elle existem, são sómente para as amigas sinceras, como penso que sejas, pois julgo ser a minha maior felicidade a posse de amigas sinceras, como de sobejo tens provado ser.

Maria Lucas.

Palmeiras—E. do Rio.

A' quem me entende

Meu coração, que outr'ora era o pequenino vaso de onde aspiravas o perfume da constancia, essa bonina que ás vezes encontra-se no vergel da vida—o amor, é hoje o sarcophago onde se lê o epitaphio: «Aqui jáz o amor sincero que, quando no infrêne desfilar do comboio da vida passava pelo marco dos 20 annos, collocado na pequena estação da mocidade, foi vilmente apunhalado pela aleivosia de uma perfida e desleal creatura...

X. da Silveira Bulcão

Rio 10—2—1916.

O amor no coração do homem é como o fogo numa carroça de palha.

Aurea.

E. de Minas—15—1—1916.

A' joven Lucia P. Serpa

A nossa amizade foi como uma florzinha odorosa e delicada, que deixaste fenecer lentamente crestada pelo sol da ingratidão!...

Santuza.

A' quem me entender

Amizade é um iman, que não dista dum ser a outro; ao contrario, é sempre fartissima n'um coração verdadeiramente amante! Ella é o élo que liga os corações ao laço do mais intimo amplexo.

Saberás definir a amizade?

Não. Então não n'atens.

Berna Ariollo.

Jacerépaguá.

A' quem me comprehende

A vida, montão de ruinas? Sim.

Posso crer, porque se não o fosse, eu não teria soffrido a dor da ingratidão.

A vida é como um corpo fluctuante que, impellido por continuas vagas, vae de plaga a plaga sem ponto determinado.

A morte? Oh! é minha luz guiante! Luz que allumia os camarinhos tumulares do meu destino!

Bahia—Fevereiro de 1916.

A. M. Torres.

Soluço d'alma...

A' senhorita Elza

Passei...olhei-te e tambem não desviaste o olhar... Outras vezes a esta, succedeu; louco de amor, inexperiente, julguei ser correspondido. Pobre infeliz era, que, ainda bastante joven, trocava todo o socego de minha vida, por um simples «olhar», talvez o reflexo de uma alma boa e caritativa, de uma linda mulher, culta e rica. Esquecer é impossivel!... Curtirei esse martyrio!... Algum dia... Quem sabe?!... Um vislumbre de esperança ainda vive em mim!...

Tijuca—12—2—916.

* * *

Ao Carlitos M. V. M.

Alma altiva! O teu orgulho, hei domal-o e vencel-o, por bem—carinhos, beijos e prantos—ou por mal...

Tua Helena.

Rio—23—2—916.

A' Maricota

Quando contemplo as rosas de meu amor, esmaecidas pela ingratidão da pessoa que tanto amei, sinto o meu coração estalar de dor, e si não fôra Deus, entrar-me-hia, tristes rosas, a morte nalma.

Westhry.

Santos—10—1—916.

A' gentil Mariasinha

A infancia é um jardim verdejante, onde florescem os castos lyrios da innocencia e pureza.

Julieta.

A' senhorita Hilda

Rasga o véu de teu silencio e dize em uma unica palavra:— Ama-me?

Ou então, eternamente ficarei nas trevas mysteriosas da cruel incerteza.

—

Acrostico

Dhalias
Jasmins
Violetas
Saudades
Margaridas

Durval dos Santos

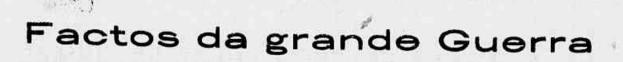
Campos—8—2—916.

* * *

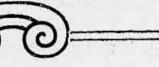
A tua ingratidão transformou o meu coração em um batel carregado de espinhos que navega hoje no vasto mar de amarguras. Sem o pharol dos teus olhos, sem a ventura de um sorriso teu, o fragil batel irá arremessar-se nas rochas do eterno soffrimento.

Ailabtan Arovat

Itaperuna—E. do Rio.

Factos da grande Guerra

Entre os horrores do tremendo cataclysma que devasta o velho mundo aos demais sobreleva a impiedosa destruição dos grandes monumentos erguidos pela fé catholica. Eis a que um bombardeio reduzio uma cathedral, na França!

As paixões e os sentimentos na mulher

Traduzido do francez pelo nosso distincto collaborador Salomão Cruz

Continuação do n. 46

A BELLEZA

Nunca a arte pagã fez outra coisa mais que copiar a belleza material e dar ás suas creações as expressões das paixões terrenas, por assim dizer. Seu mais bello triumpho foi pôr á margem o idéal da voluptuosidade. A arte christã considerou a fórma como coisa secundaria e quiz transformar o pensamento. Exprimiu essa belleza interior cujo fóco está na alma e cujo raio está nos traços do rosto. Era isto o que estava reservado para comprehender e exprimir os sentimentos que unissem o homem ao seu Deus. Sentiu desde logo que era o interprete das coisas da alma e das coisas celestes. Vêde a significação d'esses estupendos nimbos com que a circumdam as frontes de seus santos e santas; esses raios que partem do céo e que são como que um caminho estabelecido entre Deus e o coração humano.

E' ella que primeiro o soube ler nos traços do rosto e copiar todas essas expressões asceticas, que nascem no seio das intimidades da prece e das mysticas ascenções da alma para a divindade.

A arte pagã só tinha podido conseguir exprimir o pudor natural e receioso, num tempo em que a virgindade era um opprobio. A arte christã poude admirar nas filhas de Christo o pudor da innocencia, a pureza da alma; porque a virgindade foi considerada como uma honra. A belleza, entre nós, consiste menos na fórma e na pureza das linhas que na expressão enriquecida de todas as conquistas que a alma fez. Uma mulher bonita era, entre os pagãos, um objecto de cubiça. Fallava sobretudo aos sentidos e aos olhos. Para ser bella, entre nós, uma mulher deve fallar ao coração e brilhar antes que tudo por essas perfeições idéaes que despertam o respeito e as homenagens. A belleza christã consiste sobretudo em uma auréola de virtude que se eleva da alma como um perfume e que opera no corpo uma especie de transfiguração. Vêde as nossas pinturas das virgens. Não se diria que seus corpos parecem translucidos e que se vão como que evaporar? Parece que lhe vemos a alma. Uma linda donzella christã, ajoelhada nos degráos do templo, semelha uma imagem da prece, da adoração, do amor.

A idéa christã poetisou tudo; collocou a fórma no ultimo plano e de algum modo fez della o pedestal da alma. Entretanto, a belleza da fórma tambem lucrou; porque nada embelleza o rosto como a virtude e o habito dos bons, dos nobres sentimentos. Nada eguala mais a doçura do que o que a virtude póde dar aos traços e a suavidade das tintas com que ella as cobre. Si a mistura das raças desfigurou os typos primitivos, é certo que o christianismo os enobreceu, os embellezou, portanto, porque enriqueceu a physionomia humana com um conjuncto de expressões novas e poeticas, e deu á alma uma porção de idéas sublimes, todos esses sentimentos de fraternidade, que constituem o mais bello apanagio da natureza humana.

As Paixões

Na mulher, salvo algumas excepções, (que nós chamariamos de bôa vontade: anomalias) a faculdade de amar existe quasi exclusivamente na sensibilidade; no coração. A mulher é antipathica á logica, tem por ella um horror instinctivo, innato. Quem a quizer convencer e conseguir alguma cousa della pelo raciocinio, é um ignorante ou um desastrado. A verdade não chega a ella senão acariciando-se alguma fibra sensivel. Encontra a intelligencia fechada se não passou primeiro pelo coração. A mulher não adhere á verdade senão pelo amor. Ella acha-a amavel ou desagradavel e, sobretudo, bella ou hedionda. Sob a forma logica, tem sempre este ultimo caracter. Ha sempre dois caminhos para chegar a ella. A persuação, que vae ao coração, a convição, que vae á intelligencia. Quasi sempre este ultimo caracter é vedado. Está na natureza da intelligencia agir, encaminhar-se para o bello, para a verdade, e render-lhe um culto exterior e todo de excepção.

Está na natureza do coração, que domina na mulher, receber, alcançar a verdade, o bello, e prestar-lhes um culto interior e todo de attracção. A intelligencia dá, porque é sobretudo activa; o o coração recebe, porque é sobretudo passivo. As paixões das mulheres são, por causa d'isso, mais egoistas que as dos homens, mais pessoaes, mais attractivas, mais exclusivas. Esta palavra — egoismo — magôa as mulheres. Ella não tem aqui um máo sentido. Não importa. Ellas negam que sejam egoistas em suas paixões; dizem-se devotadas. Acceitamos estas duas expressões como synonimas, ellas constituirão todo o nosso pensamento. As mulheres têm o egoismo do devotamento, têm o devotamento do egoismo. Em uma paixão qualquer, abandonam-se inteiramente ao objecto de sua paixão? Não, o objecto de sua paixão consiste em agirem inteiramente para si. E' verdade que ellas são capazes de tudo por esse objecto; mas é para isolar, para fazer delle um sequestro, para o esconder todo inteiro em seu coração. A suprema differença que existe entre o homem e a mulher, é que o homem tem necessidade de amar; a mulher, de ser amada. As paixões do primeiro vão até seu objecto e ahi ficam: são directas As paixões da segunda trazem seu objecto até si; são circumflexas. As paixões da mulher, por causa disso, têm uma fraqueza de acção muito grande, uma potencia de attracção excessiva; todas as paixões que têm a sua raiz na intelligencia, como a ambição, o orgulho, são quasi nullas; todas as que têm sua raiz no coração, são muito desenvolvidas, como a vaidade, o ciume.

Para que o amor, propriamente dito, seja o sentimento donde partem, como raios, todas as outras paixões das mulheres. Tudo dahi partem, tudo ahi volta. A faculdade de amar na mulher é pois mais limitada que no homem: ella detem-se nos horisontes que descobre o coração. Neste ultimo, ella os atravessa e vae até aos horisontes da intelligencia. Em tudo isso se manifesta. Os homens occuparão o seu espirito com o conhecimento de uma religião theologica, na qual o pensamento se ha de occupar da grandeza de Deus e das cousas do infinito. Tirae, pois, ás mulheres a religião do amor que fala ao coração de Jesus e da Virgem, que as conduz ao presepio de Bethlem, e as magôam com Maria ao pé da cruz. E' por causa dessa disposição toda particular, que a mulher é a amorosa da fórma. São, com effeito, as cousas, exteriores que produzem a impressão e quasi tudo chega ao coração da mulher por esse caminho. A sensibilidade é a corda bastante tensa entre seu coração e o mundo; diremos mesmo, entre seu coração e Deus.

As paixões da mulher modificam-se segundo as edades. Menina, ella pouco se importa com o menino da mesma edade que ella. Entretanto, nella todas as faculdades do coração da mulher existem já. Ella ama tudo que amará mais tarde, que amará sempre. Estes são os mesmos amores que rodeiam seu berço de ridentes esperanças, de doces revelações do futuro e que mais tarde, á beira do tumulo, levar-lhe-ão essas lembranças do passado todas perfumadas das felicidades e das amarguras doutr'ora; porque o coração gosta de recordar suas dores tanto quanto suas alegrias. A menina não comprehende ainda o futuro, entretanto, seus instinctos a preparam, mesmo nas cousas mais diminutas, para todas as sublimidades de seu papel. Já ella tem um *maridinho* que sua doçura, que suas attenções sabem tornar docil e attento em agradal-a. Estudae-a bem, vêde seus amúos, seus enfados infantis: ella é em creança o que será mais tarde.

(*Continúa*)

ANNO III RIO DE JANEIRO, 16 DE ABRIL DE 1916 NUM. 47

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Expediente
CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS
Anno . . . 10$000 — Semestre . . 6$000
Pagamento adeantado
Numero avulso 400 réis e nos Estados 500 réis
Gerente F. A. Pereira Junior
Os originaes enviados á redacção não serão restituidos. As assignaturas começam em qualquer dia, mas terminam sempre em Junho e Dezembro.
Redacção e adm.: Agencia Cosmos-RUA ASSEMBLÉA, 63—Tel. 5801-Cent. - C. postal 421

O JORNAL ✳ ✳ DAS MOÇAS

Esta revista entra hoje em uma nova phase. Não só passa a novo proprietario, como soffre modificações na sua redacção e na sua feição material, de modo a, honrando, aliáz, as suas tradicções, corresponder, de maneira satisfactoria, á generosa preferencia que lhe tem sido dispensada.

Com o desdobramento de umas secções e a creação de outras e tomando por modelo as melhores publicações congeneres, europeas e norte-americanas, para o que contractamos a collaboração de escriptores distincfos e consagrados, temos em vista melhorar consideraveimente o *Jornal das Moças*, aperfeiçoando-o cada vez mais e tornando-o, sob todos os pontos de vista, uma publicação de leitura util, agradavel, educativa, sem filiações sectaristas de qualquer natureza, mas collimando o mais elevado objectivo, qual seja o da defesa dos principios moraes sobre os quaes repousa, de facto, toda a organisação social.

O *Jornal das Moças* deseja tornar-se um orgão de intensa informação acerca de quanto interesse ás suas gentis leitoras. Para isso, dispõe de vasta e minuciosa reportagem photographica. Assim, seremos muito gratos a todas as pessoas que, desejando ver reproduzidas, nas paginas desta revista, as photographias de festas ou reuniões realisadas em sua residencia, nos inteirarem desse facto, por escripto, afim de que os nossos photographos possam, em dia, hora e local designados, desempenhar-se desse serviço.

Estamos certos de que, fiel á orientação em que se vem mantendo desde a sua fundação e dotado de melhoramentos que visam offerecer novos attractivos aos seus leitores, o *Jornal das Moças* continuará a brilhante trajectoria que vem descrevendo no seio da nossa imprensa periodica.

CHRONICA

ENTRE as consequencias inesperadas da guerra que devasta o velho mundo, é mister registrar o impulso notavel por ella dado ao feminismo.

E' bem de ver que não nos referimos ás numerosas e insolitas reivindicações que tem celebrisado o suffragismo inglez nem ás que preconisam o advento proximo e definitivo de todas as theorias igualitarias de Novicow, respeito aos direitos dos dous sexos. O nosso ponto de referencia é outro. Temos em vista os ideaes em nome dos quaes se reivindica, para a mulher, o direito de ser considerada, como valor economico, perfeitamente equiparavel ao homem.

Sob esse aspecto, é incontestavel que a conflagração européa tem fornecido poderosos argumentos ao feminismo. Não é apenas pelo seu admiravel espirito de sacrificio que a mulher européa si tem mostrado digna de nivelar-se, no gozo dos direitos politicos, aos homens. E' tambem pela sua extraordinaria capacidade do trabalho e pela sua identificação com a causa dos seus respectivos paizes.

Ainda recentemente um escriptor que borda, á margem do tremendo cataclysmo, os commentarios mais opportunos e mais interessantes, notava que o feminismo deve estar grandemente esperançado de que, quando se cogitar da paz, será tempo de firmar tambem a emancipação da mulher, não como sonham certos ideologos, porém, como a razão suggere.

Nem tanto ao mar, nem tanto á terra, eis a divisa mais sabia, em face desse palpitante problema. No Brazil, pelo menos, o "eterno feminismo" tem comprehendido desse modo o seu papel e jamais se aventurou em reivindicações tumultuarias e desasisadas. Ao contrario, o suggestivo exemplo inglez não medrou entre nós: continuam ineditos, para a curiosidade indigena, os turbulentos cortejos de miss Panskurst... Felizmente! Porque já bastam, para nosso flagello, os males que nos assoberbam...

Que se amplie o raio da acção das mulheres. Mas, dentro dos immutaveis principios e das indispensaveis reservas que resultam da conveniencia, que nos assiste, de que o papel que lhes compete se desenvolva, para ventura sua e nossa, dentro das paredes sagradas do lar, no seio carinhoso e bom da familia e na pratica das virtudes domesticas que são o melhor fundamento das virtudes sociaes.

Commandante F. A. Pereira

Ao deixar, por motivo de venda, a direcção do *Jornal das Moças* o commandante Francisco Antonio Pereira, cujo nome continuará a figurar no alto de sua primeira pagina como uma homenagem ao fundador desta revista, é dever de sua actual direcção salientar aqui o preito de sua admiração pelo esforço e a tenacidade, nunca desmentidos, com que o commandante Pereira soube enfrentar todas as difficuldades para levar de vencida a feliz idéa da fundação. nesta capital, da mais sympathica revista illustrada dedicada á mulher brasileira.

Apparecida uns dois mezes antes de rebentar a conflagração européa, que tanto tem contribuido para o encarecimento da vida em quasi todo o planeta, principalmente os artigos necessarios ás artes graphicas e á imprensa, o fundador desta bella revista, embora com prejuizo, em começo, e arcando com obstaculos de toda a especie, a começar pela falta de papel de impressão, cujo custo acaba de attingir um preço fabuloso, nem assim se lhe entibiou o animo, tão seguro estava do bom exito de sua feliz e apreciavel tentativa.

Não ha negar, como publicação illustrada em que collaboram centenas de pessoas e cujo texto é o mais variado possivel, o *Jornal das Moças* é, sem contestação, uma das unicas que podem transpor francamente os humbraes dos mais honestos lares, sem que a mais casta das donzellas ou a mais exigente mãe de familia possa

corar ou sentir, mesmo de leve, revoltar-se os seus mais puros sentimentos de candura e pudor ou os seus mais escrupulosos principios de moral.

E' de bem que aqui confessemos ser esse lidimo idéal de imprensa limpa, escoimada de qualquer leiva de baixa especulação, uma verdadeira conquista do commandante Pereira que, como inquebrantavel atalaia no cumprimento de dever a si mesmo imposto, desde a fundação do *Jornal das Moças*, nem um só instante se desviou dessa digna trilha, procurando honrar sempre, como sobejamente conseguiu, os compromissos para com a mulher brazileira assumidos na manutenção de um jornal que ella podesse ler e nelle collaborar sem receio do menor ataque ás suas legitimas susceptibilades moraes.

Trazendo para estas columnas, com o maior prazer e o mais accentuado sentimento de lealdade, o testemunho desta nossa admiração, como sincero preito ao forte e pugnaz paladino de tão sympathica e tão louvavel cruzada, aqui deixamos tambem a affirmação leal do nosso mais franco assentimento aos nobres principios implantados pelo seu fundador ao *Jornal das Moças*, assegurando aos nossos caros leitores que jámais nos afastaremos uma linha siquer do programma até aqui seguido, sem a menor discrepancia, por esta revista, fundada para as moças e vivendo, mercê do meigo carinho e gentil acolhimento que ellas têm dispensado até hoje e continuarão certamente a fazel-o, como conta e faz votos

A NOVA ADMINISTRAÇÃO.

Sta. Helena M. Coelho — Sta. Iracema de Abreu

A' MULHER

A' Noemia

A mulher, o sexo bello e fraco, nascida para toda a especie de ternuras e graças delicadas da vida domestica, para todos os maiores e mais occultos sacrificios, é que sente, comprehende e patenteia a abnegação e a dedicação.

Sabe elevar essas duas virtudes á sua maxima potencia.

E a maior parte das vezes é nas classes inferiores da sociedade que se abrigam esses preciosos thesouros de virtudes femininas.

A habitação da filha do povo é moralmente bella. Bem que a descreve um dos primeiros poetas francezes da nova geração, na pureza do seu christianismo, no ardor da sua crença, na tranquilidade do seu existir, na summa belleza da sua vida.

PYLLARE LUESHENRI.

Rio—19—1-916.

Nossa sympathica leitora Leonor Dantas Coelho, filha do Dr. João Dantas Coelho.

NOTAS MUNDANAS

ANNIVERSARIOS

A senhorita Guiomar F. da Costa França, filha do Sr. Matheus da Costa França, festejou a primeiro do corrente, mais um de seus encantadores anniversarios.

A Exma. Sra. Alfredo Backer, reuniu no dia 5 em sua residencia innumeras familias de suas relações para festejar o seu natalicio.

No dia 5 fez annos a interessante senhorita Maria Luiza, filha do saudoso almirante Cordovil Maurity.

A sociedade carioca festejou a 4 do corrente, uma data muito feliz e que lhe é muito cara, o anniversario da Exma. Sra. Clarisse Indio do Brazil, esposa do Sr. senador Indio do Brazil.

Fez annos a 2 do corrente a Exma. Sra. D. Arethusa de Souza Serpa, dignissima esposa do Sr. Albino Serpa e nossa distinctissima collaboradora.

A 6 deste mez festejaram suas novas primaveras: a senhorita Ondina, filha do Sr. Francisco Pereira Mattos; a galante senhorita Sophia, filha do Sr. Eduardo Schmidt; a Exma. Sra. D. Anna Bastos, esposa do Sr. José Bastos, auxiliar da casa Hime.

Transcorreu a 25 do mez passado a data natalicia do nosso distincto colladorador Sr. Arlindo Garcia.

Passou a 6 do corrente, o anniversario da galante menina Conceição Silva, filha do Sr. Antonio Silva, residente em Campos.

No dia 11 do corrente, colheu mais uma primavera a senhorita Paulina Maciel, filha do Sr. João Maciel.

Completou mais um feliz anno de existencia no dia 12 do corrente mez, o nosso digno chefe technico sr. João Ferreira.

Colherá mais um anno de preciosa existencia no dia 18 do mez corrente, a nossa assidua leitora sra. d. Evangelina de Souza Ribeiro, digna auxiliar do Depositario do Laboratorio Ross.

Commemorando o seu anniversario natalicio, passado em 3 deste mez, o Sr. Antonio Moreira Fontes offereceu aos seus amigos um lauto almoço no hotel minho.

A senhorita Alice da Silva Pereira, filha de D. Eulalia Toledo Pereira, fez annos no dia 9 deste mez.

Mme. Amelia Martins Pereira, dignissima esposa do commandante Pereira, cujo anniversario natalicio se festejará no dia 22 do corrente.

Mme. Amelia M. Pereira

No dia 18 do corrente, completará mais uma primavera o joven Wladimir Pereira, um dos gravadores do *Jornal das Moças* e filho do commandante Pereira.

Festejará o seu anniversario natalicio no proximo dia 18, a Exma. Sra. D. Antonietta Serpa de Almeida Mercê, distincta professora publica em exercicio e esposa do conceituado negociante desta praça Sr. Manoel de Almeida Mercê.

Por esse motivo, ser-lhe-á levada a effeito uma expressiva manifestação de apreço pelas suas discipulas.

Bellezas Cearenses — Senhoritas: Beatriz Machado d'Araujo, Aristhéa Genova e Carminha Góes Ferreira.

Completará mais um anniversario natalicio no dia 20 proximo, a intelligente senhorita Clara Leal, filha do Sr. Mario Leal, negociante em Paracamby.

Completou mais um feliz anno de existencia, no dia 8 do corrente, a nossa gentil leitora senhorita Irene dos Santos.

NASCIMENTOS

O prestimoso 1º delegado auxiliar Dr. Léon Roussouliéres viu ha dias sorrir para o encanto de seu lar um petiz, robusto e energico como o estimado policial.

BAPTISADOS

O Sr. Orlando Pereira de Castro baptisou a sua interessante filhinha Perolina, no dia 8 do mez corrente.

CASAMENTOS

Calixto Cordeiro, o nosso velho *Kalisto*, o homem incançavel das caretas do *Malho* e de toda a sorte de rabiscos que por ahi tem havido no Rio, annuncia-se «sogro».

E' que Calixto acaba de dar a mão de sua interessante filhinha Annita ao Sr. Renato Baldas von Placketein.

Casaram-se no dia 6 do corrente o Sr. Arthur Pereira da Motta, funccionario do Conselho Superior do Ensino, com a senhorita Zelika, filha do Sr. Nolding, despachante da Alfandega.

Na cerimonia civil, serviram de testemunhas o Sr. Julio C. de Souza da Silveira e senhora, e na religiosa, o Sr. coronel Lascasas Netto e D. Manuelinha Lascasas Netto.

Contratou casamento com a senhorita Antonietta de Almeida Borges, filha do Dr. Eugenio Borges, o Dr. Alcides Rosas, 1º tenente medico do exercito.

Contratou casamento com a senhorita Maria Rodrigues Moura, filha da Exma. viuva Reginalda Rodrigues Moura, o Sr. Julio Fernandes Vianna.

Senhorita Delmira Malafaia, nossa gentil leitora.

Contrahiram casamento, em Minas, a senhorita Adolphina Gomes e o Dr. Ataliba de Moraes, clinico em Villa Braz.

BODAS DE PRATA

Festejou no dia 4 o Sr. Americo Ferreira de Almeida, o 25º anniversario do seu casamento com D. Angelina Siqueira de Almeida.

O feliz casal foi muito comprimentado por toda a nossa sociedade.

NOTAS ESCOLARES

Está installado o collegio da Companhia de Santa Theraza de Jesus á rua S. Francisco Xavier n. 11. Em começo deste mez houve, com grande assistencia, a sua festa inaugural.

Compareceram á inauguração o Revmo. bispo Auxiliar D. Sebastião Leme, acompanhado do seu secretario padre Caruso; monsenhor Lellis, conego Dr. Benedicto Marinho, padres Ricardino Séve, vigario da freguezia de S. Francisco Xavier; Arthur Carneiro da Silva, Roccatti, fieis Cyrillo Cherubino, Dr. José Agostinho dos Reis, Quartim Pinto, Mario Magalhães, commandante Carvalho, coronel Ferreira, Dr. Azevedo, viscondessa de Duprat, etc.

O programma foi assim executado:

«Hymno a Santa Thereza»—Canto por todas as alumnas; Discurso — Senhorita Margarida Castro; «Hilaridade» — peça para piano, pelas senhoritas Clara Castro e Aurea Ribeiro; Saudação a sua Eminencia — Canto por todas as alumnas; «A Herdeira» — Dialogo, pelas senhoritas Geny Castro, Margarida Castro, Clara Castro, Aurea Ribeiro, Maria Garcia e Conceição Perfeito Ferreira; valsa elegante a quatro mãos — Senhoritas Margarida Castro e Geny Castro; «O Pescador do Nilo» — Quadro plastico — Senhoritas Auta Ribeiro, Carmen Peckolt e Conceição P. Ferreira; «Murmure des bois» — Senhorita Margarida Castro; «Um Bouquet» — Canto pelo grupo infantil; «O sonho de Cabral» — Senhorita Geny Castro; Hymno do Brazil — Por todas as alumnas.

FESTAS

No dia 2 de abril houve em Nictheroy uma linda festa promovida pelo Asylo de Santa Leopoldina. A concurrencia foi a melhor possivel achando-se presentes além do Rev. Bispo da visinha cidade o provedor e o vice-provedor, Sr. visconde de Moraes e coronel Francisco Guimarães.

O programma da festa foi muito interessante. Houve em seguida a distribuição dos premios de religião, bom comportamento, distincção nos estudos, dedicação, lavanderia e engommagem ás alumnas Maria Gouvêa, Maria Iria Marques, Hermosa Lima, Luiza Ramos, Maria da Ressurreição, Carmen Andréa, Celina Lacerda, Emilia Gury, Stella Andréa, Henedina Rocha, Zulmira Soares, Saphira dos Santos, Rosa da Conceição, Anna Pinto Coelho, Beatriz Soares, Maria de Lourdes Pinto Coelho, Luiza Maret, Firmina Magalhães, Bibiana Evangelista, Regina Peregrina, Adelina Yorio, Leonor Alves e Leonor Magalhães.

LUTO

Na Bahia, falleceu no dia 5, a Exma. Sra. D. Joanna Brazilina de Freitas Leal, estremosa progenitora do Sr. Dr. Aurelino Leal, chefe de Policia.

Minha adorada amiga.

Foi hoje, na suave tepidez de uma doirada manhã cheia de alegrias infindas, que tua cartinha perfumada e gentil me veio encontrar, como sempre, preso a esse nosso amor sentimentalista que constitue toda a minha ventura, toda a minha vida. Ao abril-a, acredita minha doce amiga, tive como que um presentimento vago e incerto d'uma catastrophe próxima, sentindo como que o desabar d'essa nossa felicidade, o derrocar de todos esses castellos, esses ideaes esplendorosos, que andámos construido sob a caricia subtil d'um morno sol doirado...

Imagina, pois, qual a indizivel magua que me opprimiu ao ler, descriptas com a tua lettrinha nervosa e miúda, as palavras de ciume com que me exprobavas o não ter ido ahi hontem, beijar tuas mãosinhas alvas e sentimentaes, lindas e madrigalescas como uma ballada divina.

E, crê, minha louquinha, fiquei, a principio, pezaroso e tristonho, sentindo qualquer coiza de infinitamente triste, por ver que tu tambem, apezar dos teus olhitos singularmente lindos, de tua boquinha—essa ideal flôr de um Desejo ignoto, de tudo emfim, a tua graça, teu esplendor, tua doçura, tua alegria radiosa, és como todas as mulheres e possues essa arma bigume, terrivel e admiravelmente bella, que é o ciume...

Quero no entanto julgar, (perdôa-me o galanteio) que em ti esse ciume não passa de um dos muitos predicados bons, que possues e com que seduzes toda a gente que te vê.

Só assim poderei explicar a razão d'essas palavras, desses amúos passageiros, que fazem ser radiosa a nossa vida, e sem os quaes não se comprehende que exista o verdadeiro amor que liga duas almas numa communhão divina, e que faz de dois corações um só coração...

Queres saber porque hontem, como de costume, não fui passar comtigo essas hôras alegres, que fazem toda a alegria de meu ser? Queres saber porque não fui, a exemplo dos outros dias, discuttir comtigo num pouco sobre essa litteratura amorosa, que com tanto carinho cultivamos e da qual somos tão acerrimos defensores?

Simplesmente, minha adorada Madona, porque hontem, um formidavel defluxo, com melancholia, obtusidade e espirros, me prendeu em casa.

Não queiras emprestar a essa phrase a ironia sentimental de Fradique Mendes, ou antes do adoravel Eça, ao escrever á sua linda amiga Clara.

Assim pois, após ter-te explicado o motivo d'essa falta, te prometto que nunca mais defluxo algum me imped.rá de ir-te apresentar, ao cahir melancholico da tarde, as expressões sentimentaes do meu amor sem fim.

Do teu

RAPHAEL.

OS MYOSOTIS

Catulle Mendés

MUITO joven, dezesete annos apenas, bonita, ainda que magra e palida, com os seus dourados cabellos despenteados e com os seus olhos azues humidos de lagrimas, iguaes a dois pequenos céos molhados, a louca estava sentada sobre um banco de pedra, no grande pateo do asylo..

Em torno á ella, o sol de inverno branqueava as altas muralhas, prateava o lençol de neve sobre as lages e sobre o saibo, por onde algumas arvores, raras, negras e seccas, estiravam a sombra de seus esqueletos. Mais fresco do que frio, um vento vivo passava, agil e alegre. De quando em vez, piavam os pardaes.

Mas, a pobre louca nada percebia dessas festivas primaveras que janeiro possue. Baixa, fazendo-se pequenina dentro de um estreito chale escossez, com a apparencia medrosa de uma pessoa em quem se vae bater, conservava-se sentada á beira do banco, e, com a cabeça um pouco pendida, apertava contra os labios um *bouquet* de myosotis em que as suas lagrimas cahiam lentamente.

***

O interno que me guiava na morada da loucura fez signal de que eu me podia approximar da mocinha e lhe falar. Certamente, tão triste e tão fraca, não podia ser maldosa... Com o barulho de meus passos, ella levanta a cabeça e me olha, subitamente contente, com os seus doces olhos onde a alegria sécca os prantos como um sol bebe o orvalho ás rosas.

— O sr. vem buscar-me? pergunta ella, juntando as mãos, como para supplicar. O sr. me vae levar, levar-me immediatamente? Oh! como sou feliz! E' por que tenho de sahir, hoje mesmo, daqui. Ha tanto tempo já que lhe não vou falar, consolal-o. Oh! como elle se deve aborrecer, soffrer, sózinho como está!

— A quem quer ir a sra. falar? perguntei eu.

— A' elle, diz ella.

— A' elle?

— Sim. A Roberto Daniel.

— Seu namorado, seu noivo?

— Oh! não! O noivo de Jane.

Repeti, um pouco sorpreso:

— O noivo de Jane?

— Sim.

— Elle lhe espera?

— Todos os dias, ha seis mezes.

— E onde lhe espera elle?

— No cemiterio. No tumulo. O sr. não conhece o seu tumulo? E' muito bonito. Em marmore branco que, por vezes, ao sol, é um pouco roseo. O nome de Roberto Daniel está gravado numa cruz, e existe em cima, entre os ramos pendentes, uma pequena urna de alabastro que a agua do céo encheu e onde, cantando alegremente, os passarinhos vão beber.

***

Eu a olhava contristado, enternecido.

— Ah! diz ella. O sr. tambem não comprehende? Pensa que tudo se acaba quando a vida termina, que não mais se pensa que a gente não se move mais quando está enterrado, emfim, que os mortos são mortos? Não é isso verdade. O sr. não sabe das cousas. E' porque nunca collocou o ouvido na fenda de um sepulchro. Eu tambem, antes do que aconteceu, ignorava, como o sr., que os finados vivessem. Não lhe quero mal por isso. O sr. não póde saber o que eu sei.

Ella se interrompe um instante, beija o pequeno *bouquet* de flores azues e, muito vagarosamente, continúa:

— Uma vez, sózinha, fui ao cemiterio do Pére Lachaise, levar uma corôa a uma amiga de collegio que eu tivera. Colloquei a offerenda na grade da sepultura e me afastei. Havia no ar, sob as nuvens e sob o azul, muita claridade, e em certos logares, um pouco de sombra. Entre os tumulos, raios de sol iam e vinham, como crianças que, brincando, correm umas atraz das outras. A atmosphera estava tão doce, tão pura e tão bella, que me sentia feliz nesse logar de tris-

Sr. João Antonio de Almeida e D. Maria Adelaide T. de Almeida

teza — feliz e muito contente. Então, como passasse junto de um tumulo onde innumeras flores brotavam, tive vontade de colher uma. Não seria sacrilegio? Estendi o braço, mas parei assombrada e tremula.

***

— Lá, sob o marmore, alguem falara, com voz doce. Oh! não me havia enganado. Escutava perfeitamente. A voz dissera com entonação de tristeza e de queixume:

— «Jane, és tu, emfim? Responde!»

Inclinei-me para ouvir e a voz murmurou ainda:

— «Jane, és tu, emfim? Responde!»

A principio tive medo, mas logo passou. Nenhum receio mais. Somente uma grande piedade e uma grande ternura.

Levantei os olhos, li o nome de Roberto Daniel gravado na cruz e vi que estava morto havia vinte annos. Comprehendi tudo.

Aquelle que acreditavam adormecido na sepultura e que não dormia, tivera uma noiva que se chamava Jane e que lhe havia promettido ir vel-o ao cemiterio, mas que não ia. Elle esperava sempre. Cada vez que um rumor lhe chegava atravez da terra, pensava que era ella que cumpria, por fim, a promessa; e por isso perguntava:

— «E's tu?»

Mas ninguem lhe respondia. Eu respondi. Coitado! Devia estar tão angustiado, lá, na escuridão, com frio, apertado na estreiteza do rigido caixão! Fazia eu mal em querer consolal-o um pouco? Falei-lhe e menti:

— «Sim, disse-lhe, approximando o mais que pude a boca da pedra, sou eu, sou eu, a tua Jane!»

Oh! como eu estava inquieta! Devido á minha voz elle ia, talvez, certificar-se da minha entrujice. Não acreditaria que fosse Jane. Mas, sem duvida, atravez da expessura do marmore, a voz só lhe chegava muito attenuada, pouco distincta, mudada, porque escutei um longo e profundo suspiro de contentamento. Elle acreditara!

E começamos a conversar docemente, ternamente.

A principio eu só dizia cousas muits vagas, que se podiam ajustar a quasi todos os amores, a quasi todos os noivados. Sobre tudo deixava-o falar, reflectindo, notando os detalhes, a fim de recompor a historia e de poder falar, por minha vez, mais longamente, como alguem que está completamente ao corrente. Seria tão doloroso se elle descobrisse que o estavam enganado! Enfim, depois de uma hora, eu sabia tudo o que era preciso saber e talvez Jane não lhe respondesse com mais proposito. Fiquei no cemiterio até á hora em que se fechavam os portões. E no dia seguinte, lá voltei.

Nossa galante leitora senhorita Lydia Malafaia

Professora Julia Varella e sua gentil filha Ita Varella— Phot.-High-Life—Nictheroy

Durante trez mezes, todos os dias, conversamos apaixonadamente. Lembramo-nos da manhã de primavera em que nos encontramos pela primeira vez, do primeiro sorriso, do primeiro aperto de mão furtado, emquanto nossas mães, caminhando adiante, conversavam e nada viam.

Quantas vezes, á noite, elle viera a porta do pequeno jardim! Falavamos atravez da porta, como agora atravez da pedra. Quasi sempre elle me dava, pelo buraco da fechadura, um papel onde estavam escriptos versos que me fizera. Passado um mez nossos paes nos quizeram fazer felizes; mas a morte o não consentio. Elle cae doente.

Durante a longa molestia, conta-me todas as suas esperanças vãs. E mesmo, essas amargas recordações, nos eram doces.

***

Uma tarde em que eu ia sahir para levar a Roberto, no cemiterio, um *bouquet* de myosotis que lhe havia promettido e que eram as flores de que elle mais gostava, minha mãe entra no meu quarto com dois homens que eu não conhecia. Pegaram-me. Foi aqui que me metteram. E' muito mais triste que o cemiterio, e, bem que eu esteja como morta, eu e Roberto não nos podemos falar: nossos tumulos estão muito distantes um do outro.

***

Ella se interrompe num soluço. Comprehendera que eu não ia leval-a.

— Ao menos, me diz, quer o sr. se encarregar de um recado para Roberto? Elle está no Pére Lachaise, como já lhe disse. E' a esquerda da grande aléa. O sr. baterá duas vezes sobre a pedra, porque elle dorme, ás vezes. O sr. lhe dirá que Jane — não se esqueça — que Jane partiu em viagem com sua mãe, mas que voltará dentro de uma ou duas semanas. Diga-lhe que Jane ainda o ama. O sr. lhe diz tambem que ella o encarregou de levar esse *bouquet*. Colloque-o sobre o marmore, no meio. Roberto ficará contente.

Tomei o *bouquet* e retirei-me. E a historia está acabada. Entretanto, ainda me resta uma cousa a dizer, com risco de parecer ridiculo: é que fiz, com precisão, tudo o que me pedira a pobre louca.

LOURENÇO SILVEIRA.

(*Traducção*)

MODAS E MODOS

EIS-NOS nas vesperas de uma transformação nos costumes para as novas estações. E já os grandes costureiros se preoccupam com o preparo das suas maravilhas de gosto e elegancia, sem abandonar a nota sobria que preside ás toilettes femininas desde o inicio da longa guerra actual.

O costume *tailleur* continúa a ser o grande favorito do momento: é pratico, simples, elegante e commodo. Muitas senhoras o adoptam exclusivamente. Dahi a sua superabundancia nos theatros, nos chás, nas visitas, nos passeios, etc.

No capitulo das novidades sensacionaes, ainda recentemente a condessa de Verissey, que escreve a chronica da moda para um dos grandes figurinos parisienses, preconisava o advento das rendas finas, para o enfeite dos casacos e das saias. A renda deve ser da mesma côr do vestido. O effeito é lindo. De qualquer modo, predominam ainda, como já assignalamos, os costumes *tailleurs* e as saias curtas.

Quanto ás blusas, observa-se a preferencia pelas blusas brancas, cada vez mais simples.

Tem havido tentativas para o regresso aos colletes rigidos e apertados. Mas, os arbitros da elegancia feminina os condemnam. E' a condessa de Verissey quem escreve:

«Creio, entretanto, que, si regressarmos a esses colletes, lamentaremos, frequentemente, a bella liberdade de movimentos que tinhamos desde muitos annos».

A ultima novidade parisiense

Realmente, é um retrocesso que não se deve desejar. Hoje, mais do que nunca, vigora o principio de que se deve procurar conciliar as solicitações da moda com os da commodidade. Precisamente por isso é que se póde registrar o longo reinado dos *tailleurs* e das saias largas e curtas.

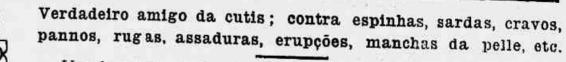
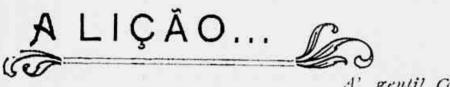
Em tudo quanto diz respeito ás modas, é evidente, nos tempos que correm, que as amargas preoccupações da guerra detem as tendencias renovadoras dos grandes costureiros parisienses. As novidades escasseiam. Subsistem as mesmas modas, com modificações insignificantes apenas nos seus detalhes.

Os chapeus, por exemplo, são os mesmos da ultima estação. Uma ou outra pequena novidade é o resultado de phantazias individuaes.

E' notavel, nos grandes figurinos francezes e inglezes, a preoccupação de dedicar algumas paginas ás ultimas modas para lutos.

Traço significativo dos tempos que atravessamos! E no que concerne a esse ponto, cumpre registrar o apparecimento dos pequenos gorros femininos, modelados pelo typo dos que usam as enfermeiras. Quanto aos costumes, a moda é parca em novidades. Não as consigna, absolutamente.

Duas elegantes creações dos grandes costureiros de Paris

As ultimas modas divulgadas pelos melhores figurinos de Londres, para a estação actual

A LIÇÃO...

A' gentil Carmen Costa

As tres irmãs acabavam de jantar quando a campainha do telephone soou, estridente, enchendo o corredor proximo de sons agudos e insistentes.

Lucia ergueu-se de um salto, com a bocca ainda cheia de maçã, emquanto as duas irmãs mais novas comiam appressadamente.

—Allô, quem falla?

A graciosa Julieta Catalão, alumna da Escola Normal.

—Quem?...

E poz-se a falar baixinho ao telephone, para as irmãs não ouvirem.

—Quem falou, Lucia?

—Advinhem... disse ella com ares mysteriosos, sorrindo.

—Myriam, a nossa amiguinha.

—Não.

—Paulo?

—Não... advinhem!...

—Oh! diga, querida Lucia, que nós morremos de curiosidade!

—São os priminhos, que vêm passar as férias comnosco!

Helena franziu o sobr'olho, passou o guardanapo peloslabios finos, e levantou-se arrebatadamente.

Lucia e Suzette ficaram a olhal-a, espantadas.

—Ora, esta! eu que julgava que a surpreza ia agradar! bem tola sou... e fez boquinha de choro...

—Não chores, querida Lucia, tu bem sabes o genio exquisito da nossa irmã; ella odeia os homens. E Suzette passou com meiguice o braço á roda da cintura de Lucia.

No dia seguinte, os primos chegaram com grande alegria de todos; a tia Charlotte abraçava-os affectuosamente com os olhos marejados de lagrimas.

—Considerem-se em sua casa, meus queridos sobrinhos, disse amavel a boa velha; o nosso maior desejo é que as férias lhes sejam agradaveis, passadas aqui na nossa quinta.

—Que linda mocinha, vejo acolá colhendo flores! disse apontando para o jardim, pela larga janella aberta;—o primo Roberto.

—Pois que? Helena é tão pouco gentil que não veiu cumprimental-os? Indagou surpreza a tia Charlette, e poz se a chamar a filha que veiu muito contrariada cumprimental-os.

—Que linda prima nós temos! fez Roberto maliciosamente, fitando-a de frente.

Senhorita Amelia Ribeiro

Os primeiros dias passaram alegres para os recem-chegados, para a tia Charlotte e as duas irmãs mais velhas. Helena mostrava-se irritada ao mais simples galanteio dos primos. Todas as tardes, refugiava-se na estufa de plantas no fim do parque, meia occulta por pinheiros e carvalhos enormes.

Um dia, Roberto jurou, solemne, que havia de descobrir o motivo que levára Helena a odiar os homens e a caçoar das irmãs e amiguinhas noivas.

Fazia uma tarde magnifica.

Helena, como de costume, após haver criticado ferozmento o idylio das duas irmãs com os priminhos; preparou-se, fez-se elegante e sahiu para o parque cantarolando despreoccupadamente uma ária popular.

Roberto seguia-a de longe, occultando-se de vez em quanto entre os macissos de arbustos que davam para as alamedas.

Por fim, Helena summiu-se pela estufa. O primo, com mil cuidados, ficou a espial-a por detraz dos vidros e maravilhado viu: Helena que detestava os homens em delicioso e delicado idylio com garboso official...

Depois, voltou para casa satisfeito e risonho, por ter obtido a prova de que todo coração feminino tem uma particula que Deus fez especialmente para palpitar, só para o homem!

YREM ARLETTE.

ESCOLA NILO PEÇANHA — O corpo docente da Escola, composto das Snras.: Alice Demillecamps, directora; Alzira C. Ladeira, Anna F. Moraes, Diamantina de Almeida, Maria Assumpção, Maria de Lourdes Santos, Noemia do Amaral Osorio, Etelvina Machado, Alcina T. Guerra, Anna M. Queiroz Lopes, Carlinda M. Guimarães, Eleonora Pinheiro, Emma Franklin, Iracema Torrents, Luiza Lavoie, Maria Edith Sarthon, Ondina Valle, Olga Henning, Rachel Vasconcellos, Haydéa Cunha, Odette Winter, Epiphania Rodrigues e Virginia Seabra, adjuntas.

O "JORNAL DAS MOÇAS" NAS ESCOLAS

Uma visita á Escola Nilo Peçanha

Conforme está figurando nos moldes a serem feitos d'ora avante os numeros desse jornal, visitaremos constantemente os nossos grandes estabelecimenos de ensino. A ultima visita do *Jornal das Moças* foi á Escola «Nilo Peçanha», em S. Christovão, uma das melhores e mais bem administradas pelo esforço honesto e incalculavel dessa camada de senhoras que fazem da nossa instrucção publica um dos verdadeiros serviços de utilidade nacional. A Escola «Nilo Peçanha» foi creada na

administração que lhe deu o nome e se acha admiravelmente installada, quasi á entrada da antiga Quinta Imperial, na Avenida Pedro Ivo. Tem uma frequencia de cerca de quatrocentos alumnos. Dirigi-a a Exma. Sra. D. Alice Demillecamps com uma grande dedicação. Tudo n'aquella escola representa esforço, coragem, intelligencia e hygiene, qualidades necessarias á um perfeito nucleo de preparo da infancia.

A' distincta professora agradecemos o amavel acolhimento que nos dispensou durante a nossa visita ao importante estabelecimento de ensino.

No proximo numero publicaremos outros instantaneos de alumnos. A falta de espaço obrigou-nos a retirar do presente numero outros instantaneos obtidos entre os alumnos pelo nosso photographo.

As tres series do curso complementar

Sta. Neozelides de Castro Natalense, fantaziada — Ceará

Flores do coração

I

Para Helena D. Nogueira, sympathica collaboradora do "Jornal das Moças" e a quem muito estimo.

Si a sympathia é o resultado de uma convivencia amiga, como alguem já m'o disse, si ella nasce do encontro de dous olhares, eu não sei que nome dê ao sentimento que nutro por ti.

Não te conheço, sinão atravez do teu retrato insinuante, e no entanto, estimo-te deveras.

Não sei si esta estima me foi inspirada pela nobreza da tua physionomia, pelo aspecto senhoril que reveste o teu todo, ou si pelos teus escriptos, as tuas "Paginas d'Alma", tristes farrapos do passado, como os chamas, e onde a tua alma triste e soffredora, nos deixa ver, toda a saudade que possues de um passado feliz talvez demais.

Não sei como te estimei.

Os teus primeiros trabalhos me despertaram pouco interesse, depois, insensivelmente os procurava; houve um, porém, que me revelou toda a grandeza da tua alma, toda a pujança do teu caracter; e este foi uma carta aberta a alguem, que se julgou com o direito de rebaixar-te aos teus proprios olhos, reavivando, ao mesmo tempo, em tua alma a lembrança de um ente a quem muito amaste.

Pois bem, desde aquelle dia eu te estimei, e, hoje, sinto, que si ao *Jornal das Moças* faltar a tua collaboração, faltar me-á, tambem, uma das minhas alegrias.

O que me levou a escrever estas linhas foi, pois, a sympathia que nutro por ti.

Estas paginas que baptiso com o nome symbolico de «Flores do Coração» pois ellas bem o merecem, nasceram, viverão e morrerão para ti, como para o teu coração nasceu, viveu e ainda hoje permanece um amor que o tempo não consome.

Eu vejo em ti, Helena, um ente soffredor, porque comprehendes o amor de uma forma muito differente, da que comprehendem os homens e as mulheres do nosso tempo.

Estes não amam.

Julgam que fazem isto, mas a esta amizade banal, que elles chamam amor, eu nunca darei este nome.

A minha alma, como a tua, parece que não é filha da épocha em que vivemos.

Eu sou, pois, incapaz de amar com leviandade, e por isto guardarei o meu affecto puro e sincero para dal-o, mais tarde, a quem d'elle for digno.

Como fazer isto, porém, si eu tenho necessidade de uma affeição como as plantas têm precisão do calor vivificador do sol.

Mas, onde a encontrar, Helena?

Aos 8 annos, quando a vida é um riso, quando em redor de nós tudo é flor, perdi o ente que mais podia estimar-me! — Mamãe!

Depois, tive, ou julguei ter uma amiga, mas esta achou que o *flirt* cacete valia mais que a minha amizade sincera e abandonou-me; mais tarde, quando me procurou eu a recebi com o sorriso frio dos indifferentes, e hoje não posso mais estimal-a.

Que fazer pois?

Procurar o amor de um homem?

Não, que se uma mulher não me estimar, um homem tambem isto não fará.

Quererás, pois Helena, estimar-me como eu desejo, isto é verdadeira e desinteressadamente, e ter longe de ti, um coração amigo, que te ame.

Si quizeres eu te envio desde já, o meu nestas palavras repassadas de affecto.

MLLE. CORDELIA.

Aracajú.

O nosso primeiro numero de Maio e a Festa do Trabalho

Em homenagem á grande data que a Humanidade consagrou á glorificação dos Bons e dos Laboriosos, o "Jornal das Moças" dará o seu primeiro numero de Maio completamente illustrado, com instantaneos das fabricas e dos "ateliers" de confecções. E' um pequeno preito que julgamos render ás moças brasileiras que procuram na funcção unica do trabalho o conforto e a vida.

A's operarias, pois, recommendamos o nosso magnifico numero de Maio.

O Sr. Dr. Octacilio de Albuquerque, deputado federal, sua Exma. esposa e seu filho Paulo

Um grande Campeonato de "Laws-Tennis" organisado pelo "Jornal das Moças"

Uma taça e varios premios aos Vencedores

Attendendo ao grande desenvolvimento deste elegantissimo sport no seio da nossa sociedade moderna resolvemos organisar um grande campeonato de "laws-tennis" que será decidido, como se faz mister que o seja, em muitas provas consecutivas obdecendo a uma orientação perfeita, graças ao cuidadoso regulamento que publicaremos no nosso proximo numero e que está sendo meticulosamente organisado por um dos mais estimados e competentes "captains" das nossas sociedades sportivas. Este campeonato será puramente feminino e terá nada menos de cinco premios—*uma Taça á primeira vencedora* e quatro menções honrosas ás senhoritas collocados em 2°, 3°, 4° e 5° logares respectivamente.

As inscripções serão feitas em nossa redacção onde os interessados poderão obter todas as informações precisas. O nosso campeonato começará provavelmente nos primeiros dias de Junho proximo, isto é, pelo tempo mais agradavel dos nossos dias de inverno.

As provas serão jogadas provavelmente de tarde, aos domingos e quintas-feiras. Serão juizes sportmens competentes e de toda a confiança de nossa Redacção.

Influirão quasi que como base do campeonato as condições seguintes: melhor jogo, sportivamente fallando; esthetica de jogo; agilidade; qualidades de resistencia e elegancia de vestuario.

No proximo numero publicaremos detalhes sobre tal iniciativa.

Senhorita Paleltina de Carvalho, habil pintora — Juiz de Fóra

Senhorita Hilda Brigg Lemos, filha do Sr. Camillo Raoux Lemos, funccionario do Correio.

Antonio Torres

Entre as magnificas acquisições que o *Jornal das Moças* acaba de fazer, destaca-se a da collaboração de Antonio Torres.

Jornalista e literato cujo nome vae recebendo as mais justas e brilhantes consagrações, Antonio Torres é bem uma das mais interessantes e suggestivas individualidades das letras patrias,

Para o *Jornal das Moças* escreveu o illustre escriptor uma novella original, cuja publicação iniciamos, hoje E' *O Noivado de Helena*, trabalho fino, delicado, encantador, em que, ao par de um estylo admiravel, se observa a visão segura de um psychologo e de um analista da nossa sociedade. Estamos certos de que *O Noivado de Helena* vae ser um dos grandes e legitimos successos desta nova phase do *Jornal das Moças*.

Crescentina Alves Cajazeiro, agente do correio em Caravellas, filha do Coronel Manoel Feliciano Alves Cajazeiro, digno agente do *Jornal das Moças*

A Saudade

Conhecem a saudade?

Não falo do sentimento. Este talvez não seja tão conhecido como dizem, pois a saudade verdadeira é tão rara como o amor verdadeiro. Existem ambos; é um goso e um soffrimento, e quem os sentiu não deve pedir mais nada á vida.

Falo da flôr. A flôr que se chama saudade, conhecem-n'a?

Eu a confundi com outras flôres, não tinha bem certeza de como era ella.

Hoje, uma amiga, vindo ver-me. abre a sua bolsa, e tirando della uma flôrsinha branca, estende-a, dizendo-me:

—Você não queria conhecer a saudade? Eil-a!

E, sorridente, batendo-me no hombro emquanto eu, tomando-a com dedos nervosos, religiosamente aspirava o seu perfume subtil, ella acrescentou;

—Tem um perfume triste, não é verdade?

Desci a flôr até os labios, e, n'um beijo, murmurei sobre as petalasinhas macias que a enchiam... nem sei o que!

Estava completamente entregue á magia da união de um sentimento a um perfume, a uma flôr! Fechei os olhos, e naquelle aconchego de meus labios á flôrsinha, demorei as minhas impressões.

MARGARIDA.

Reminiscencia

A' M.

Quando nos separamos, na occasião em que me despedi de ti, o que fiz com o coração dilacerado pela dôr da separação, deste-me uma pequena flôr, pronunciando estas consoladoras palavras: Leva esta flôr, é o symbolo do amor e sinceridade que te dedico, e, crê que, emquanto ella existir, existirá tambem o nosso amor.

Completamente commovido e com os olhos a verter sentidas lagrimas, disse-te: Não tenho no momento uma igual lembrança, como a que acabas de offerecer-me; mas fica a minha palavra de honra, de que jamais te esquecerei. E por entre ternos adeuses parti, não satisfeito, mas bem resignado, em vista da tua animadora promessa.

Os primeiros tempos de nossa separação correram á minha espectativa, porque trocavamos com muita assiduidade animada correspondencia epistolar. As tuas cartas eram o balsamo consolador do meu coração, que soffria atrozmente; mas foste pouco a pouco supprimindo-as até supprimil-as por completo, tirando-me assim a unica esperança que me restava.

Hoje, que, já são passados muitos mezes, ainda sinto que te amo como te amarei, porém não desejo mais o teu amor, porque é hypocrita e leviano. Foste falsa, não cumpriste a tua promessa, pois aquella flôr ainda existe e o teu amor não existe mais.

D. N.

As gentis leitoras do *Jornal das Moças*, Alice e sua irmã Lili e o pequeno Izito, filhos do negociante Luiz Pereira da Cruz.

Para as mimosas leitorasinhas das «Paginas Infantis»

(Conversando)

Sôam pausadamente no sino da proxima egreja as «Ave Maria». E' esta a hora em que a alma do verdadeiro christão, mais prazer sente em meditar; e levantar á Virgem Santissima, a prece quotidiana.

Logo após, surge a noite, desfraldando sobre as nossas cabeças fatigadas da luta diaria, o seu negro manto lentejoulado de luzidas estrellinhas. Todas as noites, pensando no silencio mais que lugubre, que nos faz entrever uma sensibilidade profunda,— a cama, em forma de tumulo, o somno que por algumas horas nos vae separar do mundo inteiro, a lamparina que languidamente se consome pouco a pouco e sem ruido, e as trevas que tudo envolvem, e atravez das quaes percebemos a vista do Bom Deus que tudo observa!...

Tudo isto como nos impressiona...

Oh! quando a consciencia não está tranquilla como deve ser terrivel, o remorso!... Em pleno dia (elle parece poder lutar contra tudo); qualquer futilidade é bastante para o defender, porém quando se descerra o véo da noite!...

Oh! mimosas flôres, que começaes a desabrochar para a realidade da vida, sêde modestas, caridosas e obedientes!...

Abrigae carinhosamente em vossos corações immaculados, os sensatos conselhos que vos derem aquelles a quem devemos

A pequena Nair Fiuza — Fortaleza-Ceará

respeitosamente ouvir, pela experiencia que lhes concedeu o tempo e a edade.

Trazei sempre em vossas cabecinhas a lembrança de Deus, a qual, alliada ás boas acções que praticardes, será sempre a barreira que vos defenderá do flagello do remorso.

E assim, como será bello o vosso futuro, como será feliz o vosso lar!... como serão apreciados, e aproveitaveis os fructos do vosso amôr.

JUREMA OLIVIA.

Moacyr Pereira Nunes

Meninice

A' minha irmã Euphrosina

Olhos, fechai-vos e ouvi;
Ides recordar-me aqui
O meu tempo de criança,
Longos dias que passei
Até que emfim me tornei
Um homem sem esperança.

Recordar?...recordar, que?
Só recorda o que se vê,
O que se sentiu tambem;
Esse tempo só consiste
Em ter mãe; e tu? tu viste
Mãe, mãe na imagem d'alguem?!

SYLVIA GUANABARA.

Minha Mãe

No Gólgotha sombrio da existencia,
Valle de Josaphá da horrivel dôr,
Desde os annos felizes da innocencia,
Tu foste, mãe, o meu primeiro amor!

A ti, e a ti sómente eu devo a vida,
O' sêr divino que me deste o sêr!
Fonte de affectos, alma estremecida,
Mãe, que o mystér de mãe força a soffrer!

Tens sido, minha mãe, a luz e o guia
Que a venturas infindas me conduz:
E, sem saber, eu sou tua alegria,
Eu sou tambem, ó mãe, a tua luz.

Certa vez ensinaste-me de joelhos
As tuas orações pela manhã:
A seguir de meu pae os bons conselhos
E honrar e proteger a minha irmã!

Tens sempre para mim um teu sorriso
E dos teus olhos um bondoso olhar!
E's anjo que desceu do paraizo,
E's a Nossa Senhora do meu lar!

Recebe, minha mãe o affecto fundo
Que eterno se arraigou no peito meu;
Tu tambem conheceste mãe no mundo,
Mas tua mãe de ha muito já morreu!

Estende as tuas mãos e me abençôa!
Que, ao ver-te o céo te abençoando vae;
Não sei, mas penso que és, assim, tão bôa!
Porque és mãe... eu sou filho... e Deus é pae...

BENJAMIN COSTA.

A graciosa Maria Lazary

A galante Celina Costa

A galante Leonilda, filha do nosso agente em Iguape sr. Luiz Pires

Sombras

A' bôa e sincera Carmita
São Christovão

OUTR'ORA a virgem loira cantava alegremente a innocencia de sua alma e a candura do seu coração deserto. Nos labios de coral, brincava sempre um sorriso extremamente doce, illuminando a santa paz do seu lindo semblante, e os olhos claros pareciam mirar-se n'um céo azul de primavera.

Depois amou, e a sua voz tornou-se mais pura nas harmoniosas canções; o riso menos fugitivo e os olhos mais ternos desprendendo fagulhas de illusões nos reflexos azulados.

Nas vibrações sonoras das canções, transbordava todo o encanto que lhe enchia a alma, alheia até então ás emoções do amor.

Nos olhos de luz purissima e diamantina, espelhava-se a sinceridade de sua branca alma de virgem, e nos olhares de radiantes fulgurações transluzia a felicidade de ser amada, de possuir um coração que batesse unisono ao seu, compartilhando de pezares e alegrias.

Mas tudo o que é bom depressa acaba, e assim o sonho tão bello desfez-se, o aureo castello das illusões desmoronou-se, sepultando sob os seus escombros o coração da virgem loira, que amava pela primeira vez com todo o ardor da sua juvenil e bella alma, crente na sinceridade do amor dos homens.

E o perfido partiu, deixando a pobresinha a soluçar, jurando não mais amar... nunca mais!...

. . . .

Hoje a virgem loira,— estrella chorando entre nuvens opalinas; rosa que, vergastada impiedosamente pelo tufão da desventura desfolhou-se ao desabrochar, — morta para todas as alegrias do mundo, passa muito pallida e sonhadora, envolta no pezado burel das maguas, e quando a tarde morre, vae orar pelo seu coração extincto na roxa capella da saudade, humidecendo o lagedo frio, com as lagrimas ardentes e tristes que lhe faz brotar dos olhos, a lembrança ingrata do seu unico amor na terra!

ALICE DE ALMEIDA.

Para Elliade M.

Oh! mães que tendes filhos, mães piedosas.

Doe-me tanto ver-te assim tão abatida, Lili! E como padece meu triste coração em saber-te desgraçada... Sem ninguem, um ente siquer que te ame, console e anime, sucumbirás fatalmente no turbilhão desta vida. Pobre pomba sem abrigo, meiga violeta num deserto, eleva a tua alma á Deus, porque elle é infinito de bondade.

Soffre, soffre com resignação e não te revoltes contra o teu destino Esta vida é passageira, é apenas uma ponte perigosa entre dois mundos, mas faze como Dante: «*Não devemos fallar nella, olha e passa*». Sim, soffre e passa porque afinal as almas puras têm recompensas sublimes.

Os gózos que nos dá a materia são momentaneos e grosseiros, o gozo verdadeiro, sublime, persistente é o do espirito, é o da alma que se ala deste mundo feliz por ter cumprido o seu destino.

Caminha impavida, sem temer as urzes do caminho.

VILLA

Senhorita Zilma Marins

BALLADA ALLEMÃ

(OSCAR MICHON)

I

Heirburg apenas tem
Vinte annos, loura edade
Em que a vida, sorrindo em doce bem,
Na flôr da mocidade,
Mostra á nossa alma tudo a rir tambem.

O poeta Heirburg aspira
As fórmas do ideal.
Deixa um instante a sonorosa lyra,
Corre, amante e leal,
Em demanda do bem por que suspira.

Foi caminhando á margem
Das sébes de espinheiros.
Da primavera o doce olor espargem
As flôres, aos primeiros
Cantos do bosque e da florida vargem.

Parre Grett está linda,
As faces são de rosa,
Parece uma mulher da festa vinda
— Queres casar, formosa?
Eu sou o noivo.—E não tens noiva ainda?

— Não. Ainda não pensei
Em moça alguma, não.
Dize, Parre, responde ao que falei:
Dás-me o teu coração?
— Qual! ha quasi quatro annos que o já dei.

Ao meu noivo que annel
De nupcias já me deu.
Adeus. Albrecht espera-me, fiel,
Qual noiva que sou eu!
E fugiu a leal pomba cruel.

Heirburg avança, ouvindo,
Pelos bosques passando,
Duma canção o som plangente e lindo.
Pára de quando em quando
Para escutar a voz que vae fugindo.

Indo ter co'a cantora
Qne pasce o seu rebanho:
— Queres casar comigo, ó seductora?
Inquire o vate estranho.
— Não achas noiva?—Não. Dize, pastora,

Queres viver comigo?
— Qual! o moço da cidade
E' sempre enganador, é um perigo.
Quero na solidade,
Do campo ameno e verde ao doce abrigo,

Casar-me c'o pastor
Que, descendo da encosta,
Vem cantando a canção de nosso amor,
Canção por mim composta
E ouvida por seu cão ao seu senhor.

— Adeus, formosa!—Adeus.
Heirburg anceia e cança.
Desde pela manhã caminha. Os céus
São de azul e esperança.
Na fonte pára e lembra os sonhos seus.

Nisto apparece a bella
Do burgo-mestre filha:
— Quer comigo casar, minha donzella?
— Viandante, eis a vasilha,
Se tens sêde, dar-te-ei beber. Aquella

Vivenda é de meu pae;
Lá mora o agazalho.
Se és pobre, parte, á nossa casa vae.
Lá terás sem trabalho
Descanço, mesa e vida larga.—Ai! ai!

Um coração amado!
Eu quero um coração!
Tenho vinte annos só! O amor doado
Queres, donzella, ou não?
— Moço, o meu coração já está dado.

Em final investida,
Galgando uma rechan,
Heirburg ouve de trompa a voz batida.
Era uma castellã
Perseguindo uma caça á toda brida

— Queres, Diana amada,
Ser minha só no mundo?
Como resposta á sua voz cançada,
Dão-lhe um golpe profundo.
Desfallecido cae em plena estrada.

Heirburg á vida torna.
Olha em roda, avistando
Uma linda beldade que lhe entorna,
De um modo meigo e brando,
Agua da fonte sobre a face morna.

— Queres casar comigo?
Entresorrindo exclama.
— Sou esposa de Deus, és meu amigo
Teu mal o bem reclama.
Curado sejas, Deus seja comtigo!

II

O sol vae declinando,
Chega a noite sombria.
Heirburg, a triste sorte apostrophando,
Volta á cidade e via
Todos fugindo, quando vae passando.

Uma mulher medonha,
Horrorosa, terrivel,
Entre uma phrase ironica e risonha,
Sarcastica e sensivel,
Ergue p'ra Heirburg a torva carantonha.

— Olá, meu mocetão,
Queres casar comigo?
Heirburg hesita.—Tenho medo, não!
— Em meu bondoso abrigo,
Serás feliz, terás meu coração!

— Quem é?—Sou rica.—E' bella?
— E que te importa?—Espere,
Devo pensar.—Andavas qual gazella
Esta manhã.—Refere?
Sabe então?—Sei, era eu aquella, aquella

Parre Grett, a rosada.
Era eu a seductora
Filha do campo, a moça enamorada,
A rustica pastora!
— Do burgo-mestre a filha idolatrada?

— Era eu!—A castellã?
— Era eu!—E recusou?
— Queria apreciar tua alma vã.
Vem?—Não, mulher, não vou.
— Irás, sim, pois tua alma é minha irmã.

Olha. E de aço prateado
Um espelho apresenta.
Heirburg então recúa horrorizado:
A face amarellenta,
Velho, rugoso, o corpo quebrantado.

— E' tempo! a mulher grita.
Partamos, caro bem!
Eu sou a morte, a noiva indefinita.
— Tenho medo!—Anda, vem!
Esta manhã achaste-me bonita!

— Mas não eras assim,
Eras uma deidade;
Eras então, mulher, um cherubim,
Em plena mocidade.
Rosto tão bello como flor sem fim!

— Mas então o faceto
Molde da formosura
Tambem não cobre as fórmas do esqueleto?
Vem, minha creatura,
Eu amo aos velhos! Vem, noivo dilecto!

— Mais uns annos de vida!
— Não. Vem, sou teu ideal!
A morte então, em ultima investida,
Negra esposa do mal,
Sempre a cruel, sempre a fatal fingida,

Leva Heirburg, o magoado,
O poeta tristonho,
Que passara a existencia ignorado,
Como ás vezes um sonho,
Em busca do ideal nunca encontrado.

RICARDO BARBOSA.

Cascatinha !

Valsa offerecida ás gentis leitoras do *Jornal das Moças*, pela **Companhia Hanseatica**, empreza genuinamente nacional, e que fabrica com agua pura da Tijuca, a melhor cerveja do Brasil — a **CASCATINHA !**

B. Montes

P Bem ligado

cres ceu do

dim

P

cresc

F.

P

mf

D.C.
1ª
2ª
D.C.

O que pensam sobre a guerra as mulheres dos paizes em luta

De um orgão estrangeiro da alliança internacional para a conquista do voto das mulheres, extrahimos os seguintes trechos:

As mulheres, até bem pouco, hão assentido geralmente neste estado de cousas, mas agora, já entre o sexo fraco, alguma cousa de extraordinario occorre, é que uma parte dellas se nega a proseguir na passividade com que tem concordado com essa tremenda carnificina.

Pela primeira vez se faz ouvir, em grupos organisados, pois a relação que existe entre as mulheres e a guerra é discutida agora com ousadia e isenta de preconceitos. Em outro tempo, esse assumpto seria sem valor para ellas, por ser exclusivamente masculino, sendo unico dever da mulher assistir em silencio ao desenvolvimento da guerra até ao seu terreno final.

Não sabemos si ellas estavam bem convencidas dessa missão, mas a verdade é que guardavam o silencio dellas exigido.

Hoje, porém, não estão por isso, não se conformam com razões absursas e com evasivas criminosas. Protestam mais que nunca contra o thema que permitte a uma nação ou a um grupo de nações submetter periodicamente o mundo a uma orgia de sangue e de mortes e que só adopta por principio o da força para a resolução de todos os problemas.

Além disso, chegaram já a descobrir toda a verdade, voluntariamente ignorada, de que os negocios dos homens e as das mulheres, bem como os seus interesses não podem estar separados e de que uma divisão, como a creada agora pela guerra, é ruinosa e nada progressiva. O unico progresso que vale a pena obter-se é o resultante do trabalho commum dos dois sexos.

Por esse lado é que foi tão interessante a ultima conferencia feminina de Haya.

A tremenda crise que atravessa o mundo uniu as mulheres por um laço de piedade commum.

A força de vontade com que em todo o orbe terraqueo trabalham as mulheres, cooperando com os homens para o bem geral, contem todas as mais bellas promessas do futuro. O que é preciso, porem, e antes de tudo, é que se estabeleça essa cooperação feminina tendo a nitida e clara visão do fim que se dispõe a mulher alcançar.

A grandeza de um paiz não deve ser avaliada pela extensão de seus territorios conquistados. A unica significação da palavra *patriotismo* é o desejo honroso de que a nossa propria nação consiga o mais completo desenvolvimento, sem se oppor de modo algum ao desenvolvimento dos demais.

Este conceito nada tem de cosmopolitismo. Implica sómente o termo de toda essa cruel fereza brutal entre umas e outras nações, de toda ambição do predominio de uma nação sobre as outras. E' o mesmo principio da tolerancia mutua que substituiu com exito o systema das familias e *clans* feudaes, que em outros tempos devastara a Europa. Porque não haver uma transformação analoga entre as nações?

Já sei que esse ideal de futuro fará que se chamem utopistas, sentimentalistas e outros nomes não menos injuriosos aos que, commungando com elle, se atrevam a examinal-o um pouco mais além da hora presente. Consolo-me, porem, pensando que, em geral, o porvir consagre esse modo de ver dos idealistas.

Nossa civilisação presente não foi conseguida certamente senão em virtude do muito que soffreram os idealistas e sentimentalistas de outras éras passadas. E nós outros, os sentimentalistas da paz, bem poderiamos, ao nosso ver, protestar contra o sentimentalismo homicida dos homens praticos. Porque, ao ouvir fallar os militaristas, ouvimos muitas affirmações, mas muitos poucos argumentos, e, emquanto estes lhes faltam, elles se apressam a encher o vacuo de suas affirmacões com sentimentalismos.

E' evidente que em todos os paizes se agita um vago sentimento contrario á guerra, mas não conseguiremos a paz emquanto não estivermos intellectualmente preparados para ella.

A guerra foi necessaria nos tempos passados para desenvolvimento da humanidade, quando o horisonte do homem estava ainda limitado ás cousas physicas e exteriores. Mas agora, já a humanidade, em estado de transição, comprehende que nenhum problema póde ser resolvido só pela força, embora tema fiar-se com segurança em seus instinctos superiores que ditam esta affirmação.

Será possivel que em estado de guerra determine um retrocesso nos costumes de uma ou duas gerações, mas isso será apenas uma demora. O mundo não pode de modo algum volver aos habitos primitivos de pura animalidade quasi. Essa demora poderá ser muito reduzida se as mulheres contribuirem com toda força da sua boa e energica vontade e de seu entendimento para a preparação do mundo futuro.

PENSANDO

E' como as aspiraes do fumo, o pensamento humano.

Emquanto se eleva no espaço essa fumaça azulada que pouco a pouco vae desapparecendo, assim tambem na memoria vão surgindo para depois sumir, os formosos castellos que a phantasia imaginou.

Ha na vida muitas cousas que tem geralmente igual contraste. A fumaça e o pensamento marcam iguaes os seus passos. Quando aquella forma no espaço mil cousas esquisitas, este forma no espirito, mil sorrisos que acareciam e mil desgraças que receiam.

E assim como a fumaça que se evolando vae sumindo aos poucos, assim tambem o pensamento em um só instante nos enche o cerebro de mil cousas differentes.

Ha, entretanto, pessoas e factos que por mais tempo povoam o nosso pensamento, talvez pela impressão de amizade e antipathia que votamos e mesmo pelo sentimento de interesse que sentimos.

Muitas vezes demoro-me a contemplar qualquer homem que á primeira vista, me parece feliz ou infeliz e que, soltando ao ar a azulada fumaça do cigarro, contempla-a extasiado, embebido, pensativo...

Parece-me que esse feliz ou infeliz sente um prazer immenso, vendo rodar nas aspiraes do fumo o pensamento das venturas que lhe enebriam a vida ou o pensamento das desgraças que lhe opprimem o peito e dilaceram a alma.

ABIGAIL GOMES.

TORNEIOS CHARADISTICOS

Quinto torneio — Soluções dos problemas publicados nos ns. 40, 41 e 42:

Riachão, Eulalia, Misericordiosissimamente, Nacardina, Sobrado, Ponta-grossa, Celina, Ramiró, Aperto, Boas-festas, Medida—meda, Mogango—mogo, Parapera—para, Relogio—réo, Persia—pera, Boas festas; Isaltina, Jasmin, Decoração; Alma que soffre no intimo, Diana, Amono, Margarite, Solapa, Mausoléo, Sarabanda, Amora—aroma, Lina—anil, Sogra—argos.

Decifradoras: Ailez, As tres graças, Bloco das Encantadas, Caridade, Chrysanthéme d'Or, Chloris, Colibri, Cecy, Esmeralda, Esperança, Euterpe, Fé, Joanna d'Arc, Leduc, Menina de Chocolate, Mercês, Mimi, Mysteriosa, Nininha, Noemia B, Olympique-Trio, Rosa do Adro, Somnambula, Souci e Violeta, 29 pontos—; Isa—20; Nemrac Ladiv—14; Cabiria—9; Pasquinha e Verda Stelo—7; Mlle. Alzira—6; Nizella—5; Zalair—3; Arlinda Lima e Celina—2; Carolina da Fonseca, Farfalla Azzurra, Iona, Junulino, Lucemira, Singella e Stella Garcia—1 ponto.

SEXTO TORNEIO

Problemas ns. 46 e

Charadas casaes

(A' Mysteriosa)

3 — Este caso.

Colibri.

Logogripho por lettras

(A's gentis collegas Chloris, Chrysanthéme d'Or, Colibri e Mysteriosa)

Um homem morigerado — 1, 6 — 15 — 12 — 9.
Subiu a serra, que arara! — 11 — 3 — 8 — 14.
P'ra poder no rio, ao lado, — 5 — 7 — 4 — 9
Apanhar a planta rara. — 2 — 10 — 13.

Ao facillimo conceito
Importancia se não liga:
Procurem com muito geito
O nome de boa amiga.

Noemia B.

Charadas novissimas

3-2 — Quando no mesmo receptaculo o bago é junto, em dentrologia, dá-se um nome á planta que os fructos são em caixo.

Mimi.

(A' Ailez)

3-2 — Dentro do estojo que está no navio encontra-se a flor.

Chloris.

1-2 — Foi condemnada por causa de uma mentira, a que não podia dar mais concerto.

Violeta.

2-2 — O movel da acção allemã é confirmar a doutrina de Ptolomeu.

Zalair.

Charadas syncopadas

3-2 — O doutor Chico Valente
Aos doentes de maleitas
Elle os *logra* facilmente
Com as sobras da receita.

Esmeralda.

(A' Colibri)

5-3 — No pomar encontrei a mulher.

Chrysanthéme d'Or.

4-3 — Este sacerdote do Japão é muito estimado.

Leduc.

Charada em anagramma

5-2 — Não pisarei no solo europeu em sangue!

Ruth Villa Flor.

Charada em quadro por lettras

O filho de Sem, da cidade foi ligeiro á ilha.

Santinha.

Charada em quina por lettras

Vou igualar a planta do judeu ao fructo que foi comido pelo peixe.

Nininha.

Charada methatetica

4-2 — Quem gosta de variedade encontra a discordia.

Mysteriosa.

Charada em metagramma

(VARIA A .6ª)

8-2 — Animal que come fructa.

Maria da Fonte.

(VARIA A INICIAL)

4-2 — Na provincia de Angola puzeram-me boa do pé.

Clio.

Aviso

As collegas que empataram em primeiro logar no 4º torneio deverão enviar com presteza as soluções deste numero, cabendo ás que primeiro as enviarem os premios da victoria.

CORRESPONDENCIA

Euterpe — O problema dedicado a Ailez não foi publicado por tratar da guerra européa, assumpto de que não cogitamos nesta secção. Queira enviar outro sobre materia differente que será immediatamente publicado.

Ruth Villa Flor, Somnambula, Menina de Chocolate, Alayde, Joanna d'Arc, Anna Glawary, Maria da Fonte, Cycy, Leduc, Colibri e *Caridade* — Recebemos.

Orama.

COUPON
Torneio charadistico para moças
Voto no problema n.º

COUPON
Torneio charadistico para moças.
16—4—916

Correspondencia do JORNAL DAS MOÇAS

R. NOGUEIRA, G. FILHO, W. DOS REIS, SOUZA MARTINS, OTTILIO BUARQUE, DIDIA DE ARAUJO, ESTRELLA D'ALVA, R. FERREIRA, OSCAR MEIRA, MENDONÇA JUNIOR, PIERRE LUZ, T. DE OLIVEIRA, A. LACERDA, A. B. CARDOSO, CYBELE, G. C. FILHO, J. SARAIVA, J. C. SANTOS LIMA, E. SIMPLES. — As suas producções poeticas, aguardam apenas um pouco de espaço nesta revista para serem publicadas.

H. DE VILLAR. — Dos seus dois sonetos com o titulo *Predestinação*, o segundo pecca pela escabrosidade de estylo incompativel com a indole desta revista, motivo por que não pode ser acceito.

D. NOGUEIRA — Porque é máo com quem talvez não lhe tenha feito mal algum? Parece que se trata de dores de canella! Si a nossa collaboradora pendeu agora para um official de marinha, que tem o cavalheiro com isso, si é que não se sinta *mordido* por uma *taboa* ou por um movimento de indifferença?

M. DO AMARAL. — O seu soneto obedece a todas as regras da arte poetica e o estylo se eleva á altura dos melhores cultores da musa. O diabo foi a inserção abaixo de duas parelhas, numa das quaes se lê este verso que destôa completamente dos outros, o que nos botou pulga atraz da orelha:

«Mulher prenda não teria para offertar-te»

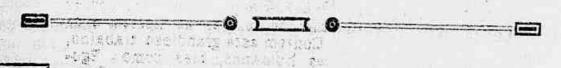
Como se explica isto?

A. L. BARBOSA. — As suas quadrinhas, embora fracas, estão certas, mas são tantas! Não nos poderia enviar em menores dóses?

INDISCRETO. — A sua *Palestra* só poderá ser publicada, melhorado o estylo.

ENIGMA. — E' tão sem interesse a sua recordação! Porque não se lembra de escrever cousa melhor?

C. HERMINIO, SEMIRAMIS, AURORA, F. VILLAS, C. ROLDÃO. — Sem retoques nos versos, de modo a pol-os de accordo com as regras da metrificação, não poderemos publicar os seus trabalhos.

ERRE TEGE. — Ainda se resente bastante da falta de estylo em condições de agradar a sua gotta de *lagrimas*, o mesmo acontecendo com a *Carta de amor* que teve a gentileza dos enviar á nossa collaboradora. — O.

Phantasia

A' Senhorita YOLANDA DE ALMEIDA.

A minha vida é um areal extenso e arido. E' um areal extenso e arido onde fenescem flores espostas as inclemencia de um sol abrazador. O simoun, o maldicto simoun dos desenganos, torvelinhandó, em lategos, em horrificas rajadas, arrasta nas suas azas mysteriosas e lugubres, as ultimas illusões, as ultimas esperanças da minha mallograda mocidade. Eu que trago na fronte o sello da desventura, sou como um beduino que no Sahara ardente, em vão lograsse encontrar um oasis um veio de agua que lhe extinguisse a sede; em vão procuro achar a milagrosa lympha que me sacie a mysteriosa e inexplicavel sede, o balsamo santo que cura as ulceras acerrimas do meu malfadado coração. Pudesse eu, neste areal extenso e arido, gosar a dita de avistar, embora ao longe, a sombra, o leque verde de uma palmeira, como assignalando o fim da minha desventura, a muito sonhada palmeira que na minha phantasia de poeta representa o amor de uma mulher.

LYRIO BRANCO.

Impressões

A' alguem

Bellos tempos! Gratos e inesqueciveis lugares! Que doloridas e inexhauriveis reminisecncias despertam-me n'alma este aroma e o sombrio ameno destas arvores!

Que sympathia irresistivel vem ferir-me os ouvidos!

Lembrei-me d'ella, ao ouvir o gorgeio das avezinhas, a canção melancolica da brisa sussurrante, o ciciar incomprehensivel e mudo do arvoredo em flôr, o deslisar suave do corrego crystallino e quedei-me extatico, a olhar o occaso purpureo onde o sol desapparecia paulatinamente...

Mas... entre os esplendores que me cercam, procuro lobrigar a airosa sombra d'ella, immacula e santa.

E... a vi. Osculava ininterruptamente um myosotis pequenino, gracil e desappareceu... desappareceu celeremente para não mais voltar...

ALFREDO GOULART ALVES.

T. os Santos—4—10—916.

DE TUDO UM POUCO

Os casamentos na Allemanha

Na revista allemã "Die Umschau", o dr. Uderstaedt propõe, seriamente, que se constituam, na Allemanha, agencias matrimoniaes officiaes, para facilitarem os casamentos depois da guerra.

Declara que os homens moços serão obrigados a trabalhar ainda mais activamente do que dantes e que não terão o tempo de frequentar recepções ou bailes, para ahi procurar uma noiva.

O dr. Uderstaedt suggere, portanto, que, com auxilio do Estado, pessoas experientes se occupem em dar conselhos ás pessoas jovens dos dois sexos, para as pôr em relações e preparar os futuros lares.

O "Vorwaerts" faz a essa proposta uma objecção que não é destituida do valor:

"O principal obstaculo a um augmento dos casamentos depois da guerra,— escreve elle,—será provavelmente, a falta dos homens moços".

Contra as formigas

E' muito usado em Cuba, com excellente resultado, o seguinte meio de exterminar as formigas:

Cavar a boca do formigueiro em forma de funil, com cuidado para não entupil-o. Deitar cal e logo em seguida agua fria. Uma hora depois jogar pelo buraco uns pedaços de carbureto de cal (com que se faz acetyeno) e logo depois lancar agua.

O carbureto de cal em contacto com a agua explode dando a formação de gaz toxico, que extermina as formigas. E' preciso depois que lançar agua fria sobre o carbureto tapar o buracão.

O que é um bilião

Não ha perfeita conformidade no que seja um bilião. Ao passo que entre nós, como em França e noutros paizes, se chama um bilião a mil milhões, na Inglaterra um bilião é um milhão de milhões, isto é, um milhão de vezes um milhão.

Adoptando a moeda ingleza vamos ver quanto tempo precisava um inglez para contal-o.

Se elle fosse capaz de contar 290 por minuto (que não é, nem o é ninguem) contaria — 12.000 por hora; 288.000 por dia (todas as vinte e quatro horas), ou, por anno 105:000.000.

Contando assim, sem nunca descançar, nem fazendo mais nada, o nosso bom inglez empregaria em tão agradavel tarefa, 9.512 annos, 342 dias, 5 horas e 20 minutes.

Demos-lhe, porem, doze horas diariamente para elle descançar, comer e dormir; sim, porque um homem não é de ferro, como dizia o outro: neste caso, precisaria 19,025 annos, 319 dias, 10 horas e 40 minutos, para dar por concluida a sua empreitada,

Os almanaks

Os almanaks foram usados pelos egypcios, pelos chinezes, pelos gregos e pelos romanos. A egreja, muito tempo encarregou-se da redacção dos calendarios astronomicos para nelles inscrever os dias santificados.

Affixavam-nos nas egrejas pela Paschoa: até ao seculo XVII encontravam-se exemplos do uso destas «taboas paschoaes», Mas o uso dos almanaks annuaes remonta ao tempo da invenção da imprensa. O mai antigo, parece, é o de Georges Pesback, publicado em Vienna em 145u

O «Grand Compost des Bergiers (Paris 1494) dá começo á collecção dos almanaks francezes. Rabelais deu, em 1533, um «Almanak calculé sur le mériodional de la noble cité de Lyon».

Nostradamus começou, em 1550, a publicação do que teve o seu nome, e o qual não deixou de introduzir as suas famosas visões oraculares.

Depois annunciou-se o de veneravel conego de Liége, Mathieu Laensberg, que publicou uma longa serie de predições, mais ou menos ineptas, sobre as promessas do tempo e das colheitas.

Esse famoso almanak mudou de mãos, sem trocar de nome, e não sem se tornar um cumulo de absurdos e um delirio de ridiculos.

O numero de almanaks que se publica hoje é muito consiceravel.

A princeza Xenia de Montenegro

No momento em que a Austria procura esmagar o Montenegro, após a valorosa Servia, vem a proposito, recordar, a seguinte anecdota:

Era em 1910. O governo de Berlim tinha concebido o proposito de unir, por laços indissoluveis, o Montenegro á Monarchia austriaca e augmentar o que se chamou. no mundo diplomatico, o "trust matrimonial allemão dos thronos balkanicos!

Num dia, o archiduque austriaco se apresentou ao rei Nicoláo e pediu-lhe que lhe cencedesse a mão da princeza Xenia de Montenegro, irmã da rainha da Italla.

A princeza não se sentiu absolutamente fascinada por esse offerecimento, que seu pae lhe transmittiu.

Ella foi sempre uma patriota ardente, e consagrava a Austria uma antipathia invencivel. Assim, respondeu ao pae: "Se o archiduque voltar aqui, eu me vou embora para sempre".

Deante da nitidez dessa declaração, o principe Nicoláo não insistiu. E foi assim que a princeza patriotica evitou o desgosto de vêr o esposo combater mais tarde, contra o Montenegro.

RECEITAS

Pão americano

2 chicaras de farinha de trigo, 2 colhes res de chá de sal, uma colher, das de fermento inglez, meia colher de sopa, de assucar, 2 ovos, uma chicara de leite, uma colherbem cheia de manteiga derretida. Deita-se numa vasilha a farinha, o fermento, a sal, o asucar e os manteiga, tendo o cuidado de aparar o sal da manteiga no fundo da chicara. Batem-se separadamente as claras das gemmas, junta-se as duas cousas, meche-se muito bem e com muita pressa e vae se deitando na fôrma esquentada no forno muito quente e untada com manteiga. No momente de deixar o bolo distribue-se a massa nas forminhas com muita pressa, levando-se no mesmo momento ao fôrno que deve estar preparado antes de se temperar o bolo, e bem quente.

Ambrosia

Batem-se 6 claras de ovos como para «suspiros», junta-se-lhes as gemmas, bate-se um poucoe junta-se-lhe canella ou agua de flor, pouco. Faz-se uma calda de meio kilo de assucar e uma chicara (das de chá) de agua e quando estiver grossa, derrama-se o leite e os ovos dentro.

Não se mexe senão quando se verificar que está seccando.

Bolo de Icarahy

1 chicara de leite, 2 chicaras e meia de assucar, 3 ovos, 3 chicaras e meia de farinha de trigo, uma colher bem cheia de manteiga, 3 colheres de «baking powder», algumas gottas de baunilha. A manteiga é batida com assucar, ovos bem batidos.

Depois junta-se a farinha misturada com «baking powder», e por ultimo a baunilha.

A forma é untada com manteiga.

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 17 A 30